

REVISTA  
DE  
Arte e critica

SERIE 2.<sup>a</sup>

Fasciculo n.º 4

AVE-AZUL

DIRECTORES:

*Beatriz Pinheiro e Carlos de Lemos*

VIZEU, ABRIL DE 1900

## CHRONICA



m monte de livros por sobre a mesa : hespanhoes, francezes, italianos... Uma babel! Não ha remedio: é de livros, ou antes, d'um d'esses livros, que vou fallar-lhes ainda nestas paginas de chronica, escriptas ao correr da penna, com o moço da typographia á espera. Mas tranquilisem-se os meus leitores: porque o li muito bem lido e ainda hontem o reli para fixar impressões, não soffrerá com a pressa a seriedade do meu conceito ácerca d'elle.

\*  
\* \* \*

—*Contes surhumains* (1), assim se intitula o livro, de Victor Emile-Michelet.

Sendo muito para surprehender este livro, a mim não me surprehendeu elle, valha a verdade. Do seu auctor lera eu já, na *l'Humanité Nouvelle*, de que é director litterario, as paginas allucinantes do *Holwenmioul*, conto inspirado nestas pa-

1) Vol. in-18 jésus; 3 fr. 50, chez Chamuel : R.º de Savoie, Paris.

lavras que lhe servem de thema:—*Si ton idéal est mortel, tu mourras de l'atteindre. Si ton idéal est immortel, tu deviendras immortel pour l'atteindre*—: e na mesma revista lera eu d'elle j'i tambem aquelle pequenino poema hieratico *Au bord du fleuve*, onde veem estes versos d'um vôo lyrico raro, senão de todo ignorado, hoje:

*Mon amour et ta beauté coulent parallèles  
Au long du temps qui semble abolir leur fierté,  
Mais tous deux vont, à l'inéluctable rythme fideles,  
Se multiplier dans l'éternelle réalité.*

*Car la beauté qui disparaît aux yeux des hommes  
Renaît plus forte sur le plan de l'infini...*

E aqui está porque este livro, *Contes surhumains*, sendo muito para surprehender, a mim me não surprehendeu: é que, por aquelle conto do *Holwennioul* e por estes versos do *Au bord du fleuve*, ficara eu sabendo o que valia, como poeta e como contista,—como poeta, em summa, que poeta é elle sempre, quer em prosa quer em verso dê forma litteraria ao seu sonho—o que valia como poeta o sr. Victor Emile-Michelet, a quem eu já, num artigo de critica, me permitti chamar—o Poeta do Occultismo. E mais, ainda eu a esse tempo não lera os *Contes Surhumains*, que já sabia estarem publicados, não tendo porem, recebido ainda o exemplar que o auctor se dignou offerecer-me. Pois este livro é realmente um livro de prova para a Iniciação. Elle proprio, na pagina do offertorio, se apresenta apadrinhado pelos sete Hierophantes do Mysterio, que se chamaram L. C. de Saint-Martin, Edgard Pöe, Gerard de Nerval, Charles Baudelaire, Eliphaz Levi, A. V. de l'Isle-Adan e P. F. G. Lacuria, afim de entrar na communhão dos divinos poetas e na cadeia dos filhos de Hermes:—*ut intret in communionem divorum poetarum et in catenam Hermetis filiorum...*

E estou a ver-lhe na cabeça a cigarra d'ouro, consagrada

a Horus, symbolo da Iniciação; e nas mãos o livro do Cerimonial e o ramo de alamo, cuja folha, clara e escura, é o hieroglypho da Verdade e da Mentira...

Breve da bocca do Hierophante se vão fazer ouvir as palavras sacramentaes:—*Koth ompheth: vela e sê puro*—com o abraço de despedida.

Porque em verdade lhes digo que a sua frente, como a do filho de Parthenis, roçou pelo disco da Lua; e no seu cerebro rorejou o orvalho do Ceo; e os seus olhos foram julgados dignos de ver a clara luz da Verdade.

E' que bem parece que a Luz de Osiris, ha tantos seculos extincta, como a Asklepios o annunciara o Trimegisto, começa agora de avivar um clarão na treva da Noite em que ás apalpadellas vamos caminhando e tropeçando desorientados...

Cumprindo o que no *Apello aos Iniciados* lhe preceitua o *Livro dos mortos*, o poeta-philosopho dos *Contes surhumains* lançou mão do facho dos Mystérios e na noite terrestre descobriu o seu Duplo luminoso, a sua Alma celeste: e escutou o canto dos Astros, a voz dos Numeros e a harmonia das Espheras: e achou na Evolução a lei da Vida, no Numero a lei do Universo, na Unidade a lei de Deus: e pôde ler afinal no livro dos Destinos.

A Esphyngé, coeva do Homem—como na Visão de Ezechiel, homem pela cabeça, touro pelo corpo, leão pelas garras, aguia pelas azas: symbolo dos quatro Elementos: Isis terrestre: imagem da Natureza...—a coeva do Homem, a Esphyngé, fallou: e o enigma que ella fallou comprehendeu-o, como Oedipo, este apostolo do Esoterismo.

E é essa palavra da Esphyngé que lhe inspira toda a sua Obra...

E essa palavra da Esphyngé é—o Amor...

Porque esta obra, da mais transcendente philosophia e da poesia mais transcendente, é toda ella um suberbo poema de amor—mas do Amor, considerado, como entendia Pithagoras, uma coisa sancta...



A bem dizer, não é isto uma critica: mas não é verdade que bem melhor do que pela esmiuçada apreciação que d'essas paginas eu fazer pudesse, pela larga impressão que essas paginas me deixaram ficarão os que bem me lerem fazendo uma ideia do que seja esta obra d'uma extraordinaria originalidade, que vem rasgar á Arte e á Philosophia horisontes novos d'uma infinitude de causar vertigens? . . .

Paginas empolgantes, de voluptuosidade violenta umas, de intensa e austera emoção outras, lè-las é sentir-se a gente preso nem a gente sabe mais por quê: se pela triumphante firmeza do pensador, se pela vibrante sensibilidade do artista: tão certo é que o poeta e o philosopho neste livro se identificam com o estylista para nos darem, pelo concurso das tres potencias, uma obra d'arte a rivalisar com o que de melhor nos deu esse Principe da Arte que foi o Conde Augusto Villiers de l'Isle-Adam.

Mas para que melhor o avaliem, aqui lhes deixo, pallidamente tradusido, o adeus que o poeta Hehiel dirige a Isiah, a *Redemptora*, o Anjo da Iniciação:

— «O' Reveladora,

«saudo-te fóra do Tempo, porque te conheço no Eterno.  
«Tu és, ó filha de Deus, o symbolo supremo da feminidade.  
«O Ancião dos dias é teu pae e tu foste gerada nos flancos da  
«Mãe-Divina. Salve; tu és a taça de prata onde mata a sede  
«a minha alma encantada.

«O' Salvadora,

«saudo-te: tu vens a nós com as mãos cheias de graças,  
«e os teus dedos estendidos para bençãos trazem o anel d'a-  
«mor e o anel d'olvido que forjara Moysés. Sobre a tua  
«garganta repousam, suspensos do teu collar de prata, os sete  
«talismans que acariciou o vapor dos perfumes erguidos das  
«brasas num vôo para o septenario dos Planetas. E os teus  
«olhos são de mais suavidade para as feridas do que o oleo e  
«do que o vinho.

— «O' Redemptora,  
 «saudo-te. Rasgando aos nossos olhos o veo que escondia a  
 «luz, carregaste a tua bella fronte com o peso dos nossos  
 «peccados. Todos os desfallecimentos de nossas frageis von-  
 «tades, a teu cargo os tomas, adoravel faminta de sacrificio;  
 «e o mais pallido dos nossos sorrisos a Sathan é uma frecha  
 «que vae trespassar-te o seio. Triumphadora do soffrimento,  
 «saudo-te na eternidade gloriosa, onde num throno te sentas,  
 «junto de Horus, á esquerda de Isis.

— «O teu Nome é um Mystério. A tua Edade é um Mys-  
 «terio. Contas *trinta e tres* annos. Porque meditaste durante  
 «as *doze* horas e levaste a cabo os *doze* trabalhos. No calmo  
 «palacio do teu peito torvelinharam os *cinco* tormentos do in-  
 «ferno: a Amargura, o Gemido, a Treva, o Ardor inextigui-  
 «vel e o Fédito penetrante! E sorridente calcaste sob o teu pé  
 «victorioso os *quatro* demonios dos elementos que ululam aos  
 «quatro cantos do mundo: Samaël, principe das Salamandras;  
 «Azazel, principe dos Sylphos; Azaël, principe das Ondinas;  
 «Mahazahel, principe dos Gnomos.

— «Tu, tu és um Mystério. Saes do coração de Deus para  
 «a elle nos reconduzires. Filhos da Queda, filhos desterrados,  
 «na tua esteira remontaremos ao seio de nosso pae. Olhos  
 «postos na luz da tua Gloria, evolveremos, pelos cyclos supra-  
 «celestes, tendo despresado as embuscadas das serpentes, dos  
 «cães e do fogo. O Dragão Nahasch, que guarda as portas do  
 «ceo, força para vencel-o dar-nol'a-ás tu; e passaremos, ves-  
 «tidos de jubilo, atravez das sonoras revoadas dos Anjos, dos  
 «Cherubins e dos Seraphins, para o throno das gemmas mu-  
 «sicaes onde te sentas como Rainha, contemplando o repouso  
 «das cohortes do Fogo.

E se me disserem agora que o perturbante lyrismo d'esta  
 arrojada poesia é d'um Iniciado e só para Iniciados, retor-  
 quir-lhes-ei que a Arte e a Philosophia são, quer uma quer  
 outra, uma Iniciação. .

De resto, *o vinho do conhecimento, da Gnose integral só  
 os fortes e os audaciosos é que podem saboreal-o. . .*

Elle proprio nol-o diz na invocação a Adonaï Melech com que fecha a *Incantação pelos dez Nomes Divinos*: e acrescenta logo:

—«Bem sei que o seu sabor é amargo e mortal. Mas posso na taça mergulhar os meus labios, porque no subterraneo «d'Eleusis comi o tambor e bebi o cymbalo.

Que não ha a minima fatuidade nestas palavras, cujo sentido ainda os pouco affeitos ao symbolismo do Occulto certamente comprehenderão, este livro a toda a evidencia o prova: e nisto consiste, a meus olhos, o melhor elogio da obra e o maior merito do seu auctor, o sr. V. Emilio-Michelet, que é já, e mais ainda se revelará por certo no seu proximo livro de versos *La Porte d'Or*, uma Intelligencia de gloria, encarregada de desvendar aos homens de boa vontade o esplendor beatifico da Verdade verdadeira...

CARLOS DE LEMOS.



## SALLA DE VISITAS

De HENRIQUE DE VASCONCELLOS :

**A TORRE***(Conclusão)*

## CAPITULO III

Habitado ao grande ar, ao exercicio, ao<sup>2</sup>tub todas as manhãs, era difficil a Estevam supportar a vida de inacção phisica e de deprimente trabalho intellectual a que se entregava.

Nunca fôra um professional d'Arte, nem um erudito. Conhecia a litteratura e a pintura porque muito lera e muito vira, mas sem methodo, variando, um dia commentando Platóão, no seguinte folheando Petronio e o abbade Rabelais, para d'ahi a pouco entreter-se com Diderot, e, ainda influenciado pelo amargo pessimismo do *Neveu de Rameau*, deliciar-se na doce melancholia das *Esparsas de Camões*, ou accidamente saltar por sobre a formidavel epopea que é o segundo Fausto.

Não tivera nunca um systema de estudo, nem se apertára no circulo estreito d'uma theoria d'Arte. Amáva com o mesmo amôr placido e florido, o mutilado Apollo dito de Choiseul-Gouffier e uma figurinha pequena e elegante de Tanagra. Seduzia-o o olhar morto, mas que se sente sereno e divino, da Venus achada em Milo, e o sorriso incomprehensivel, indefinivel, da Gioconda de Vinci. Dava-lhe egual prazer um baixo relevo florentino, minucioso no detalhe, em que as vestes cahem artisticamente compostas, e a opulencia, o desabrido e o irregular do Tintureto. Onde encontráva o Bello amáva-o, mas absorviam-o principalmente, algumas figuras morbidas, singulares, do Vinci, que teem no olhar alguma ironia transcendente, e o macabro de certas figuras de Goya, d'um gro-

tesco, que ás vezes paralyza nos labios o riso, e faz queimar a garganta, num soluço aphonho.

Dilettante. Essa palavra todavia definia-o bem. Espirito incapaz de produzir, não possuindo o talento que fecunda o espirito e cria a obra, levára a vida, como um barco veleiro, por um mediterraneo sem monção e sem borrascas, vindo pelas margens onde palmeiras accenam e laranjaes amadurecem, vendo coisas bellas, num estranho receio de complicações, torneando as difficuldades, fugindo deante d'ellas, subtrahindo-se ao esforço, e procurando sempre, a maior somma de prazer, com o menor trabalho possivel.

Assim difficil e tormentoso lhe foi, numa idade má para inicios, trinta annos gastos, sedento d'habitos de commodo e inercia, habituar-se ao estudo do Direito. E no seu gabinete mesmo, sem quadros a pôr manchas nas paredes terrivelmente brancas, d'um antigo corredor de convento transformado em quarto, apossava-se d'elle, não furias e desesperos, mas uma chronica tristeza que o abatia, inutilisava-o para qualquer feito, e a vida sedentaria ia-lhe intorpecendo os musculos, e a leitura necessaria e quotidiana engordurando o espirito, deprimindo-o de modo que já passava horas sem pensar, os olhos longinquos, lançados pela janella sobre a paysagem que se desinrrrolava.

Descia o monte, salpicado de casas brancas e de quintaes, que os laranjaes derivavam. Defronte, outro monte se erguia, cortando o ceo em linhas definidas muito verdes, quasi sem arvores, onde moinhos agitavam as suas velas, lentamente. Fazia lembrar, pela correcção de linhas, as paysagens dos Primitivos.

A's vezes, no Tribunal, ainda se distrahia.

Um dia respondeu uma pobre viuva, como depositaria infiel. Tinham feito penhora num pequeno casal, que pertencia ao marido, o qual, para não pagar atrazadas contribuições em divida, que lhe absorviam o capital e trabalho, abalára para o lendario Brazil, seduzido por miragens d'oiro. Nomearam-a depositaria, quando foi da penhora. Um pequeno quintal e um casebre. Algumas macieiras e um palmo d'horta, que nem

para uma sôpa chegava, explicava ella. E a viuva, com tres filhos, pejada d'um outro, de que o marido a deixara gravida, sentiu necessidade de ir aos fructos e á horta.

—E por uma coisa d'estas, soluçava, sento-me aqui. E deixei os filhos sem pão, e eu mesma quem m'o dará?

Ante aquella desgraça banal, Estevam sentiu-se commover, e achou abominavel o papel que representava, tendo de accusar — pelo menos abstractamente — a desgraçada, que matára a fome com o que era d'ella.

E, legalmente, o seu desejo devia ser que a mulher fosse condemnada!

Tudo isso empestava-lhe a Alma. Mas sobretudo o ter que ler.

Um dia demorou-se a audiencia. Duas freguezias que se haviam desafiado, e resultára tiros, ferimentos d'uma certa gravidade, e, alli, no tribunal, ajuste definitivo de contas. Prolongou-se pela noite — apenas um intervallo para jantar. Tivera que fallar, interrogar testemunhas, compulsar os autos.

A' meia noite leu o juiz a sentença, e elle desceu, exausto, até á Torre, a essa hora silenciosa, apagada, apenas uma luz tenue do quarto da creada que o esperava.

Sem saber como deitou-se.

Estendia-se uma enorme planicie, núa de relvedos, sem uma arvore, sem o canto d'uma fita d'agua que deslisa.

Longiquamente, uma crista de montanhas cortava o ceu com linhas dentadas.

E Estevam começou a ouvir risos escarnicos, que saham do chão, nasciam do ar, rodeavam-o, abraçavam-o, e corriam como uma balla que perpassa, quasi tocando um ouvido, outros vindo de mais longe, violentos. Como em corruptio voltava-se, girava sobre si mesmo, a indagar donde partiam os escarneos que gritavam os risos, e elles cada vez mais zombeteiros, mais vibrantes, já entravam pelos ouvidos, como uma agulha de gelo, batiam na cabeça tal um martello, e voavam, adejavam sobre a sua frente, enroscavam-se no pescoço, escarnecendo atraz dos ouvidos. Parecia-lhe já ver boccas a rir,

surgindo da terra barrenta, arreganhadas como de cieiro, faziam fileiras em volta d'elle, miravam-o, tolhiam-lhe os movimentos, seguravam-o dentes brancos, dentes careados, dentes ralos como pinheiros num pinhal cortado, mordiam-o, mas sempre a rir as boccas, escancaradas, mil portas abertas sobre o inferno, sobre a demencia, que a sua cabeça sentia-a occa, e os risos soarem, formando echo como nos abobadados corredores d'um palacio deserto.

Depois as boccas foram-se afastando, os risos diminuindo, como a querer caminhar para a montanha, e extinguiram-se os ultimos, junto á encosta, que subia ingreme, quasi a pique, sobre a planicie morta.

Respirou. Até que emfim! E, os olhos vermelhos, quiz caminhar, mas centenas de mãos se ergueram do solo, trazendo cada uma, como ramalhetes, folhas soltas de processos. E essas mãos agitavam-se, tremiam as folhas, como azas sujas d'aves brancas, d'aves azues, e soavam como as gargalhadas das boccas — motivos de chacota, galhofas, doestos.

—Para promover.

—Snr. delegado.

—Eu venho com vista.

—... ministerio publico.

—Forma de partilha.

—Fiscal de lei.

—Dar querella.

—Eu sou um libello.

E agitavam-se novamente, com phrenesi, como passaros, casquinando, em vaias, em chalaças; parecia que as mãos puxavam pelas orelhas e acenavam em invisiveis vozes, deixando ver as folhas que sustentavam, chocarreiros *piéd-de-nez*.

#### CAPITULO IV

—E se nós fossemos colher madre-silvas, lá cima, ao pé dos moinhos, que sei d'um atalho onde as ha? convidou Helena, apoz o jantar.

—Aqui tem o *groom* para a acompanhar, annuiu Estevam.

—Pois vão, vão, que já não tenho forças para subir ao moinho. Fico a rezar, que de noite não posso com o somno. Hoje quando accordei, vi-me com o rosario nas mãos... Nem sei onde fiquei: tenho de rezar outro inteiro.

Sahiram. Helena levava um canotier claro, com uma larga fita branca em laço na frente, como uma gaivota abrindo as azas.

Na tarde fria a pallidez da sua carne desaparecia e rosa-va-se ligeiramente o rosto: ligeira, seguida por Estevam, que ainda calçava as luvas descendo a medo a escada, tenuemente obliquado, a luneta no olho direito, desceu a calçada, que, torneando, declivando violentamente ia dar ao rio.

D'uma porta, uma nuvem de creanças sahiu, a cumprimentar Helena, a pedir-lhe a benção, madrinha, ella, de quasi todas, uma chalrada de passaros, prendendo-lhe as saias. E a todas ella acariciava. A mãe tambem saiu, uma creança ao collo, a cabeça inchada de microcephalo, o ventre alto de hydropico, descommunal, d'onde sahiam duas pernitas magras, nuas.

—Então como vae o João?

—Mal, minha senhora. Está muito tempo d'olhos pasmados assim como quem pensa, e não quer leite, nem umas sopas que ás vezes lhe dou, o anginho!

E a creança indifferente, um dedo na bocca, parecia realmente cogitar profundamente na sua escassa mentalidade de idiota.

Os irmãos calavam-se. E graves, attentos, ouviam a conversa sobre o innocentesinho, que não brincava com elles, que não fallava, apenas um balanceamento isochrono da enorme cabeça quasi calva, em forma d'um 8.

—Até logo, Joanna. Vá lá a casa, que talvez haja alguma coisa para si.

—Muito obrigada, minha menina. Até depois, meu senhor.

Atraz d'ella ainda correram os pequenos, numa confusa gritaria, saltando, empurrando-se.

—Para mim a deformidade phisica é mais insupportavel do que a moral. Como nos custa ver a doença! Se me quizessem

condemnar era fazerem-me medico ou enfermeiro. Ah! as galés da doença, as Penitenciarias em que se corrige a carne, o asylo da chaga!

Num gesto de lhe tapar a bocca, Helena, angustiada :

—Cale-se! Cale-se! Não me faça ver tudo isso de que falla.

No que dizia, na sua voz, adivinhava-se uma grande repugnancia da Ferida, da Gangrena. E Estevam gostou que ella fosse assim, coração fechado ás desgraças da carne, olhos abertos á belleza da linha e da côr.

Passavam pela ponte. Como atravez d'um arco — d'um e d'outro lado os chopos verdes, as faias com prateados reflexos nas folhas, davam-se as mãos — viam um poente alagado de sangue e de fogo, devorando o ceu azul, um grande espaço, em meia lua. De laranja, de topasio e de carmim, um tenue halo nimbava esse incendio astral, que subia alto ensanguentando laivos de nuvens, carbonizando as arvores longinquas, que se encravam no ribeiro, dando-lhes aspectos frios d'aguaforte, vindo até á lameira verde que purpleava, roseava, amarellava, em sobresaltos d'oiro e de gemmas liquidas, que corriam.

Um jacto d'agua constante de nascente cantava proximo.

—Que bello ponto! Parece o bairro dos joalheiros de Bisancio, ou dos tecelões, que historiavam dalmaticas caprichosas de altos Dignitarios e sagiões magnificos d'autocratas! E para maior ser a illusão, está aqui a minha bizantina, que certa noite tempestuosa descobri.

Helena sorriu-se :

—E' verdade, ainda não me mostrou a minha imagem. Algum retrato que me tiraram, nesse tempo, sem eu dar por isso, gracejou.

—Hei-de mostrar-lhe. Verá como é parecida. Hei-de mandar fazer uma moldura, para a ter constantemente diante dos meus olhos, mesmo quando não estivermos juntos.

Helena calou-se, perturbada. Como naquella tarde em que Estevam lhe pedira que fosse a enfermeira, os grandes olhos pretos envolveram-no, como numa chamma que acariciasse, de velludo.

Subiam por um atalho, que obliquava para a estrada. Fez-se ouvir um ruído de chocalhos e de gaitas, e um touro tras-malhado appareceu, correndo.

Medrosa, Helena, quasi suffocada, encostou-se a Estevam. Mas perseguido por um campino a cavallo e pelo garotio, que se reunira, o touro, agil passára, a galopar.

Do contacto do corpo fino e voluptuoso de Helena, Estevam sentira como que um choque, alguma coisa de bom e de terrivel, que se espera e se receia ha muito tempo.

Calou-se, a tremer, na espinha successivos calafrios a agitar.

Devia estar muito pallido, porque Helena, apezar da luz que ia crepusculando, fazendo desaparecer na viva tinta as linhas e as cores, admirou-se :

—Dir-se-hia, que foi o primo quem teve medo... Está pallido como um defunto.

—Eu pallido... tentou gracejar. E porque? Provavelmente é da luz. Já vae escurecendo, e Helena julga ser pallidez.

—Não, não. Sinto na sua voz.

Estevam não respondeu. Uma grande tristeza, vaga, profunda, cahia-lhe no peito, como se a tivesse bebido, misturada a um liquido.

Tristeza de quê? Não o sabia. Sentia-a, enorme, inconfessavel, angustiosa e fatal, eterna. Como se uma noite fechasse, subitamente e para sempre, todas as esperanças que avigoram a alma e lhe dão forças para supportar a vida, como se um terramoto derruisse todas as casas e precisasse sobre o mundo immovel e inhabitado o vestigio da Ruina.

Chegaram ao moinho. Uma grande planicie desdobrava-se, enevoadada de crepusculo, uniforme e vasta. Ao longe sentia-se vibrar, nos ultimos reflexos do sol, a fita doirada d'um rio. Helena sentou-se sobre uma pedra. No chão, Estevam estendeu-se e tomando uma das mãos frias de Helena, entre as suas, quasi que soluçou:

—Como seria bom morrer, agora!

Sem soluços, começou a chorar. As lagrimas cahiam-lhe pelos olhos, abundantes.

—Porque chora? meu Deus! Porque chora, Estevam? Acariciadôra e meiga, passou-lhe as mãos pela cabeça, sentou-se mais baixo, puchou-lhe a cabeça, e beijou-o doidamente na bocca, nos olhos, na testa, nos cabellos.

—Porque chorava, porque?

—Não sei. Veja como estou bom. A enfermeira curou-me.

Levantaram-se e Estevam subiu a um ramo a apanhar madresilvas.

Transbordavam d'elle braços cremes de madresilvas e Estevam foi-os colhendo, muitos, deitando-os para baixo.

—Basta! basta!

Estevam colhia mais, atirando-os para o chão, formando já um monte fofo, verde-escuro, onde sorriam, tremiam ao cahir e perfumavam as flores de longas petalas recurvas, amarellas, com riscos vermelhos, signaes porventura dos beijos das abelhas.

—Basta! basta!

Não bastava, não. Enquanto no muro houve madresilvas, qualquer nodoa clara de flor, Estevam foi tirando e arremessando para baixo, agora já nervosamente, um riso placido na bocca, fixo, metallico, um grande desejo de destruição talvez, com certeza vontade de vencer-se, de esforçar-se por acalmar a epilepsia que dentro d'elle upava, phrenetica.

—Basta! basta! ainda gritou Helena. Como havemos de levar tanta flor para casa?

Não havia mais. Então Estevam desceu e agarrando um braçado de flores ia-as pondo na cabeça, nos hombros, pela cinta d'Helena, enleando-lh'as nos braços, cahindo pelas costas e por fim um grande ramo tapava a cara de Helena, que ria muito, satisfeita com o perfume, e com a ideia singular de Estevam, que a fazia desaparecer, como uma parede debaixo da multidão de flores e de folhas.

—Parece uma planta.

E o proprio Estevam agarrou no resto e seguiram para baixo, como que felizes, simples, envolvidos em flores, Estevam pensando ainda na delicia incomparavel e divina d'aquel-

les beijos inesperados, balsamicos, que lhe tinham florido a bocca, os olhos, a testa, os cabellos.

Era noite já. Quasi a esconder-se atraz da serra, um disco da lua, fraco e pallido, illuminava, não uma grave e larga benção de leite a cahir por sobre a sagrada tranquillidade das coisas, mas como que uma toalha de neveiro, que envolvia rio, arvores, casas, amaciando angulosidades de esquinas e telhados, amalgamando aspectos, confundindo tudo em visões que sobrenadavam.

A velha veiu-lhes abrir a porta. E um largo sorriso acolheu aquelles montes de flores que entravam.

—Olhe, mamã. Coisas do primo! Como estou florida!

Na luz clara e viva do petroleo ella apparecia como um trecho simples de campo que entrasse, um atalho cheio de madresilvas, no chapeu as azas brancas d'andorinha.

—Não seria um bom pintor? Veja que lindo quadro arranjei!

Riram-se. Helena voltou-se para elle. Nos grandes olhos pretos não nadavam amarguras, mas um grande fulgor de volupia, liquefeita, a illuminar a face de perola, a envolver Estevam num banho dulcissimo, de fogo, de caricias.



## FOLHAS D'UM ALBUM



*There are more things in heaven and earth, Horatio,  
Than are dreamt of in your philosophy.*

Shaksp. (*Haml.* a 1.º, sc. 5.ª)

.....  
E passarmos a vida de mãos dadas  
Absortos na canção vaga e dolente  
Que vão cantando, religiosamente,  
As nossas duas almas, abraçadas...

E passarmos assim a vida... assim:  
Livres de mal que a ambos não ferisse;  
Livres de bem que um e outro não sentisse;  
A mesma aspiração em ti e em mim!

Ser o rir dos meus labios o dos teus,  
Quando a alegria o peito me banhasse;  
E, quando a dor sombreasse a tua face,  
O pranto dos teus olhos ser dos meus!

Em nosso olhar fundirmos nossos ais:  
Não haver dor que não se extinga ahí...  
Seres tu bastante a mim e eu a ti:  
Nada sonharmos nem querermos mais.

Amar a Vida que nos é tão calma!  
Amar a Vida e bendizer o Ceo  
Que te deu ao meu amor e a mim ao teu  
E tão irmã da tua fez a minha alma!

E nada recear, nem mesmo a Morte:  
—Que morrer é ir viver em outra esphera

Melhor, e mais perfeita que esta era,  
E onde mais ao claro aponte o Norte.

E, sendo assim, se tu sem mim te fores,  
Não choram os meus olhos de saudade:  
Que a minha alma co'a tua partir ha-de,  
Quinhoar de teus jubilos ou dores...

E, se o corpo, sem a alma que levaste,  
Supportar um viver que o mortifica,  
Deixal-o cá estar; isso que indica?!

—O corpo tambem tu o cá deixaste!

Se for eu que vá... parto sem tristezas:  
Que bem sei que a tua alma vae comigo,  
Trilhando a mesma esteira em que prosigo,  
D'outro mundo a clarear-me as incertezas!

E, ainda que não fosse, esse outro mundo,  
Melhor, e mais perfeito e harmonioso,  
—Estarmos juntos é um Ceo radioso!—  
Fal-o-ia assim o nosso amor profundo!  
.....

Viver a vida assim!... Com esta fé  
No Amor, fé tão profunda e religiosa  
Que faz da Morte uma assenção gloriosa...  
Para ser feliz que mais preciso é?

Viver assim,—oh sonho de magia!—  
E' ter na Terra o Ceo que idealizamos,  
E no Ceo... ter a Terra que sonhamos  
Em uma hora de doida phantasia!

(1896).

BEATRIZ PINHEIRO.

PER AMICA SILENTIA...



--Em que pensas?!...

—Preguntas-me em que é que eu penso,  
Quando os teus olhos queridos  
Lá das Alturas immensas  
Baixam sobre os meus, erguidos  
Para os teus,  
Como duas brasas d'incenso  
No supedaneo do altar  
Aos pés de Deus?!...

Pois em que é que hei-de eu pensar,  
Senão em ti,  
Que és meu Norte e minha Guia,  
A minha Estrella-Polar,  
Se uma Estrella me sorri,  
Se um Anjo me vem guiar?...

Tu já viste o Mar um dia :  
E, d'olhos fitos no Mar,  
Ficaste absorta a scismar,  
Sem bem saberes em quê...

Pois assim é,  
Como tu os olhos perdes  
Nas ondas do Verde-Mar,  
Que eu, ao ver teus olhos verdes,  
As ondas do Verde-Olhar,  
—Teus olhos que são dois Lagos  
Onde se espelha o Luar...—  
Fico tambem, d'olhos vagos,  
Da mesma sorte a scismar...

E lembra-me uma paysagem,  
Toda d'um verde cambiante,  
Como, ao sol, ao dar-lhe a aragem,  
Uma seara ondeante...

Uma seara não dá bem,  
Não dá bem, não pode dar  
A fiel, a vera imagem  
    Que me vem  
Do velludo humido e mol'  
Do teu infinito olhar...

Falta lá um Rouxinol,  
Numa elegia pegada,  
A gorgear cheio de magua...  
Seara, sim: mas orvalhada...  
Doirada pelo arrebol...  
—Como, vista atravez da agua,  
Uma campina onde ha sol...

Seara, sim: mas d'estrellas,  
Que eu, de joelhos, comtemplo  
    Cheio de fé...  
Teus olhos! — duas janellas,  
Duas rosaceas d'um Templo  
Onde Deus mora, Deus é!

E' isso o que o teu olhar tem,  
Que nada pode igualar  
Do que cá no mundo ha...

O que eu não sei explicar  
E que o teu olhar me dá  
E' a... entreaberta-do-Álem  
Que me faz assim scismar,  
Quando os teus olhos queridos,

Lá das Alturas immensas,  
Baixam sobre os meus, erguidos

Para os teus,

E perguntas:

—Em que pensas?...

—Em que penso?!...

Em Ti!... em Deus!

CARLOS DE LEMOS



## A Emancipação da Mulher



*(A mulher e o trabalho : a instrução da mulher : comunidade dos sexos nas escholae : excerpto d'um discurso do Prof. sr. F. Italo Giuffrè).*

Para a mulher poder exercer dignamente o seu mais nobre mister, a sua primeira e mais elevada funcção social—a educação dos seus filhos—preciso se torna dignifica-l'a pelo estudo, emancipal-a pelo trabalho: isto ou coisa identica escrevi eu na minha ultima chronica.

E porque me parecia isto de toda a evidencia, nem pelo espirito me passou a ideia de addusir auctoridades em abono do asserto. Parece porem, que sobretudo a questão do trabalho para a mulher não encontra naquella parte minima do publico que sobre a materia se arroga auctoridade a adhesão que eu talvez ingenuamente lhe suppunha irrecusavel. Pois a confirmar a minha opinião de que a mulher, tanto como o homem, deve ser preparada para o trabalho e educada no amor do trabalho, tanto como no da virtude, bem poderia eu apresentar toda uma legião de nomes auctorisadissimos. Mas para quê? A crença não entra na nossa alma só porque penetrou na alma dos outros: os cegos não vêem o sol só porque se lhes grita que elle brilha em todo o seu esplendor no alto dos ceos. Ora o preconceito é uma cegueira tambem. O que é preciso, pois, é applicar o remedio a essa cegueira; ou, o que vale o mesmo, desfazer com rasões esse preconceito. E que é o preconceito, e nada mais, quem hostilisa o accesso da mulher ao trabalho em concorrência com o homem, não soffre duvida. Estamos habituados a ver a mulher, tirante a do povo, educada apenas para a salla, para a *côrte*, para o galanteio, quando muito, para o casamento: e claro está que, quando digo para o casamento, quero simplesmente dizer, para arranjar marido, para se arrumar, para deixar de dar cuidados aos paes, para ter uma collocação, em summa, a unica collocação que lhe concedem: de modo nenhum, para a vida

do lar, para os deveres d'esposa e menos ainda para a missão da maternidade e portanto para a gloriosa tarefa de educadora das futuras gerações. D'ahi os gritos de protesto e os risos de desdem com que são recebidos quantos, reagindo contra a rotina, se lembram de dizer que a mulher deve ser educada d'outra forma; e que a obrigação do trabalho á mulher, como ao homem, assiste, devendo portanto, como o homem, ser collocada em condições de se desquitar d'essa obrigação pela mesma forma que o homem.

A mulher deve saber trabalhar; deve poder e querer trabalhar; deve trabalhar: pois, porque não?

Não trabalha a mulher dos campos, desde sol nado até sol posto, arrostando com o sol, com a chuva, com os ventos, ao mesmo tempo que cria os filhos ao leite dos seus peitos?

E na cidade, não vemos nós, todos os dias, tanta mulher vergada ao peso d'um trabalho pesadissimo, superior até quasi sempre ás suas forças, tal que mesmo muitos homens seriam impotentes para aguental-o?

E ninguem diz nada, e ninguem protesta, e passam todos indifferentemente, olhando sem ver, achando natural até, muito natural:—trabalham para ganhar a vida...

E todavia allega-se para não dar trabalho á mulher a sua fraquesa phisica, a sujeição em que a colloca a maternidade, a salvaguarda até das gerações futuras, prejudicadas infallivelmente, dizem, e nesse ponto estou eu com quem o diz, pelo seu excesso de trabalho. E lembra-me ter lido um artigo d'um illustre publicista de Berlim, M. R. Kossmans, que invocava o darwinismo em justificação de taes ideias.

Como explicar então o contrasenso?

Dirão, bem sei que me dirão que essa mulher trabalha porque não pode deixar de trabalhar, pela lei das coisas, pela dura lei da necessidade; que tal coisa, porem, constitue um facto que se supporta mas que não se applaude.

Eu pudera insinuar que essa dura lei da necessidade é afinal a dura lei da natureza humana: é a dura lei do trabalho a que está obrigado o homem—e a mulher tambem.

Mas vá que seja como dizem.

Se a tal dura lei da necessidade se nos impõe e forçoso nos é supportal-a, se bem que não devamos applaudil-a: se somos impotentes para mudar este estado de coisas: se apesar de tudo a mulher trabalha e precisa de trabalhar e muita e muita vez até de modo a prejudicar-se e a prejudicar consigo as gerações futuras: se isto assim é e assim tem de continuar a ser Deus sabe lá até quando: sejamos então menos egoistas e facilitemos-lhe então o trabalho que mais em harmonia esteja com a sua fraquesa e com as suas inclinações, que tão pouco não é elle, afinal. Franqueie-se-lhe o caminho para que ella possa, sem um tão grande esforço, prover melhor ás suas necessidades e ás de seus filhos, quando os tenha, abrindo-lhe, porque não? o campo dos officios, das profissões, das artes, das letras, das sciencias...

Eu sei que nem todas as profissões, por exemplo, são compatíveis com a indole da mulher; eu sei. Mas por isso o que ha a fazer não é recusar-lhe o accesso ás que o são: o que ha a fazer é regularisar a divisão do trabalho; seleccional-o, alargar, ao invéz do que se vae fazendo, o campo d'acção para a mulher, destinando-lhe muitas das profissões que veem de ha muito sendo exercidas por homens, e outras que, sendo em outros tempos partilha exclusiva das mulheres, começaram de ser por homens ultimamente invadidas. Competencia não podem recusar-lh'a: a maior parte das profissões e dos empregos não requer genio, nem mesmo talento; demanda só habilidade e paciencia que á mulher não faltam, isto querendo presuppor mesmo que a mulher fosse cerebralmente inferior ao homem, o que, longe de estar provado, os factos se vão diariamente encarregando de desmentir.

Mas, restringindo-me ao campo da industria, vejamos se os factos não abonam o meu asserto:—organizou-se em New-York a instituição do *Patent office*; pois, quasi logo, ali por 1790, uma mulher se apresentou a requerer patente d'invenção, não se sabe bem de quê, porque o *Patent Office* limitou-se a registar o sexo do inventor. Em 1809 M.<sup>me</sup> Mary Kiez requereu patente d'invenção d'uma especie de fio tecido de seda e de palha; em 1821 foi a vez de M.<sup>me</sup> Mary Brush. D'en-

tão até 10 de outubro de 1892 nada menos de 3450 patentes d'invenção obtidas por mulheres; e, só no anno de 1893, mais de 400 mulheres requereram patentes para todas as especies de invenções. E em face da estatistica organizada por M. Leon Mead, M. Saint-Aubin, muito contra a sua vontade, vê-se forçado a confessar que, a par de invenções de some-nos importancia, «nous y voyons cependant aussi des trou-vailles qui sortent de l'ordinaire.» E cita algumas:—a mulher d'um banqueiro de New-York achou um meio ingenhoso de fabricar cordas. Bagatella, não é verdade? Pois essa bagatella rendeu-lhe, alem dos 250:000 fr. por que foi vendida a invenção, uma parte leonina nos beneficios da sociedade d'explora-ção: ao todo, quasi um milhão: quer dizer: quasi tanto como o primeiro invento de Edison. Uma outra dama da Philadel-phia inventou um processo ingenhoso que fez uma revolução no fabrico das barricas. M.<sup>me</sup> Montgomery requereu patente para o aperfeiçoamento das rodas das locomotivas. Foi esta mesma M.<sup>me</sup> Montgomery quem fez dar um passo á frente na construcção dos navios de guerra. Uma menina do Estado d'Ohio chegou a obter uma quantidade incalculavel de gaz d'il-luminação com oleo de Lima (Ohio). M.<sup>me</sup> Harriet Plumb che-gou a descobrir uma especie de ventilador que refresca, num abrir e fechar d'olhos, o ar nos compartimentos dos vagões. O processo está já adoptado nos caminhos de ferro da Cali-fornia.

Ahi estão numeros; ahi estão factos: contra factos não ha augmentos: contra numeros tambem não.

Ora pois, se á mulher não falta capacidade, evidenciada tanto á sociedade sempre que lh'o consentem; e se temos de supportar a dura condição do trabalho para ella; porque re-legal-a então, e apenas, para os misteres inferiores, menos em harmonia com as suas forças, com a sua tão, para o ca-so, apregoada delicadesa natural? e porque, pois que tanto a consideram e tão alto a querem pôr, fechar-lhe acintosamente o caminho para o trabalho facil e mais bem remunerado? e porque, ainda, se ella é, como o homem, um ser dotado de rasão, limitarmo-nos a dar-lhe, quando lh'a damos, uma

sombra de instrucção, e não a admittirmos a frequentar, sempre que ella possa e queira, as escholas secundarias e superiores e ainda as escholas profissionaes, egualmente como o homem, para que mais tarde os conhecimentos adquiridos lhe tornem o seu trabalho mais perfeito e mais lucrativo o exercicio d'uma profissão honesta?

Não será o trabalho, no estado actual de coisas, o melhor meio, se não o unico, de evitar a miseria e consequentemente o crime, a prostituição, sobretudo?

Porque convençamo-nos d'isto: a maior parte das mulheres, cahidas na vida do crime e da infamia, deveram a sua queda ou á maldade dos homens ou ás tentações da miseria.

Parent-Duchâtelet, que tem auctoridade no assumpto, no numero das 5183 prostitutas, cujo passado estudou, achou 2397 que o foram por as terem abandonado os homens que as deshonraram, e 2696 que recorreram á má-vida para fugir aos horrores da miseria.

Não continua a ser concludente a lição dos numeros?

Mas o exercicio d'uma profissão afasta a mulher do lar, rouba-a aos cuidados da casa, do marido e dos filhos...

A isso responderei que no bom senso da mulher e do homem está que ella não trabalhe fóra de sua casa, quando não seja absolutamente preciso para a sustentação da familia e que, só no caso de o ser, ella corra á procura d'esse trabalho, como hoje corre, com a differença que o de então será menos pesado e mais rendoso do que o que encontra hoje—quando o encontra.

Mas, uma vez emancipada a mulher pela instrucção e pelo trabalho, dir-me-ão ainda, já ella se não sugeitará tão de bom grado á maternidade como hoje, por lhe pesarem mais os riscos a que se expõe, os encargos a que se sujeita...

Não ha tal: não é a mulher intelligente e illustrada, não é a mulher que pelo estudo e pelo trabalho se habituou a ver o sacrificio como razão de ser da vida, não é essa, não é, a que se nega aos encargos da maternidade... Não sou eu que o digo: dizem-o os mais illustres sociologos que da questão da despopulação se teem occupado. As mulheres frivolas, as mu-

lheres ociosas, as mulheres do mundo *où l'on s'amuse* — que é também o mundo *où l'on s'ennuie* — essas é que pelas estatísticas são accusadas de tal, não sei eu se com razão se sem ella.

Mas então que inconveniente haverá em que a mulher trabalhe, em que a mulher ganhe honradamente o seu pão, em que ella se prepare para prover ás suas necessidades, quando não encontre esposo, a servir de pae aos seus filhos, quando este lhes falte? ! — «Eût-elle reçu l'aisance en partage qu'elle (la femme) devrait encore posséder á tout événement une profession utile, ne fût-ce que de maitresse d'école, car sitôt qu'elle aura une famille, elle y trouvera le placement de son savoir.» — E' Pelletan quem isto diz no seu bello livro *La Mère*: e é sobretudo para isto que eu quizera chamar a attenção de todos os paes e mães de familia.

Porque não havemos de educar as nossas filhas, como aos nossos filhos, sob o ponto de vista do trabalho? — Se a elles os preparamos para a vida, para a lucta pela existencia, collocando-os numa carreira, dando-lhes uma profissão, ensinando-lhes um officio: porque não procederemos da mesma forma com ellas, dando-lhes também um modo de vida que lhes assegure o pão, em vez de as prepararmos, unica e simplesmente — e a maior parte das vezes tão mal! — para o casamento que, além de tudo o mais, tão precario é hoje, quando a mulher não tem dote? !

Desde que o casamento passou a ser considerado pelos homens positivos d'hoje como uma sociedade em que os dois contractantes (melhor que contrahentes) devem entrar cada um com a sua parte; desde que o homem, adquirida uma profissão sufficientemente rendosa, julga descer indo buscar para esposa uma mulher que não seja dotada; indispensavel setorna que esta vá buscar a uma profissão honradamente lucrativa essa parte que dizem necessaria para a creação e manutenção d'uma familia, e sem a qual se verá redusida, á mingua de dote que d'ella faça as vezes, a ficar solteira — e desamparada portanto.

Como mandar, porem, as nossas filhas trabalhar ao lado

de homens, viver em contacto com homens, que não as respeitão talvez como nós as queremos respeitadas?

Muitos dos que assim fallam trazem as suas filhas por bailes e festas, sem medo de que do contacto com os homens ociosos e gosadores lhes advenha a minima parcella do mal que do contacto com homens laboriosos e austeros tanto parecem recear...

Mas, em summa, a verdade é realmente essa: a atmospheria de respeito, de benevolencia, de confiança reciproca está quasi de todo ainda por crear, bem sei; mas por isso mesmo o que é preciso é desenvolvê-la e torná-la extensiva, dirigindo nesse sentido a educação das filhas e, muito principalmente, a dos filhos.

Em vez de os deixarmos tornarem-se, pela falta d'educação moral, uns frivolos e uns scepticos, esforcemo-nos, todas e todos, os paes, mas sobretudo as mães, por fazel-os antes stoicos e crentes: eduquemol-os no respeito a tudo quanto é respeitavel: eduquemol-os sobretudo no respeito á mulher e principalmente á mulher que trabalha: e nós veremos depois o que as nossas filhas terão a recear de homens assim educados, assim morigerados...

Depois, aos ouvidos dos nossos filhos e dos nossos netos, creados assim na atmospheria d'esta renovação, já lhes não soará mal, como hoje aos dos nossos paes e aos dos nossos irmãos, ouvir dizer, por exemplo: — a sr.<sup>a</sup> de tal, medico; a sr.<sup>a</sup> de tal, advogado; a sr.<sup>a</sup> Fulana, telegraphista; a sr.<sup>a</sup> cirana, typographo; etc...

Que o escandalo do novo, o deshabito dos olhos e dos ouvidos, e do espirito tambem, entra para muito nesta celeuma toda, convençamo-nos d'isso.

A prova?

A prova está em que, lá fóra, onde o accordar para a justiça foi mais rapido, na America, na Inglaterra, na Alemanha, e mesmo na França, as mulheres, sem que já isso escandalise hoje ninguem, exercem todas as profissões compativeis com o seu sexo, reconhecido geralmente a todas ellas o direito

que, como aos homens, lhes assiste ao trabalho honrado e remunerado.

Porquê?

Porque, a lutar com o egoismo, com a vaidade, com os velhos habitos de superioridade no homem, ha um factor de muita importancia que á primeira vista se não considera: —o abençoado altruismo do pae que tem filhas, que receia a miseria para ellas, e que, esclarecido e previdente, sabe que a melhor garantia de felicidade a dar-lhes é a segurança do pão quotidiano.

E vão-se enfim abrindo os olhos do espirito a esta grande e luminosa verdade de Goethe: —*La femme qui a le plus de mérite est celle qui est en état de remplacer le père auprès des enfants...*

E assim todos os dias estamos vendo que os homens são os primeiros a reconhecer esta flagrantissima verdade; já respeitando a mulher que, rompendo com o preconceito, se atreve hoje a trabalhar; já desposando-a de preferencia áquell'outra que possui a sciencia suprema de não saber nada e de não fazer nada: o que é muito mais significativo ainda.

Que afinal os homens calumniam-se, quando dizem que, uma vez a mulher em concorrência com elles no campo do trabalho, lhe perderão todo o respeito, e em vez de amor, só odio ella lhes poderá inspirar...

Por ventura os homens agora se odeiam uns aos outros e uns aos outros se desrespeitam, apesar de uns com os outros concorrerem na lucta pela vida? Por ventura os padres, os medicos, os advogados, os homens de letras, os artistas, os industriaes, os commerciantes, andam em guerra aberta uns com os outros só porque uns e outros exercem a sua actividade na mesma area e buscam o seu pão no mesmo mister?

Deixem lá dizer: —o teu inimigo é o official do teu officio —: deixem lá dizer: um ou outro caso, esporadico, não basta a justificar esse dictado, que é da sciencia das nações, é certo, mas que é falso, falsissimo, porque as nações, como os homens, tambem muitas vezes se enganam. Pelo contrario: a verdade, a clarissima verdade é que as grandes amizades e as

grandes dedicações se dão e se hão-de continuar a dar sempre sobretudo entre individuos da mesma profissão, da mesma arte, do mesmo officio.

Companheiros, camaradas: portanto amigos, irmãos: ajudando-se uns aos outros; não uns aos outros hostilizando-se.

E, se isto assim é de homem para homem, eu creio que ainda com mais rasão será de homens para mulheres, o impulso da natural generosidade reforçado ainda pelo impulso do instincto natural, da lei da natureza humana, em summa.

Pois, porque é que o homem não ha de amar e respeitar a mulher que trabalha? porque?

Em que foi que ella perdeu o direito a esse amor e a esse respeito?!...

Só porque esse trabalho de que lançou mão, mais bem remunerado, e realisado tambem com mais competencia, do que o que hoje lhe facultam, a impediu de morrer de fome ou de cahir no vicio?!...

Mas que respeito e que amor é esse então que um sentimento tão mesquinho leva logo de fugida?!...

Se a mulher é assim tão altamente considerada e tão devotamente amada pelo homem, como para ahi se diz, como para ahi se escreve, como quizera crer afinal (á parte os exaggeros rhethoricos de falsos advogados da mulher que nos avelorios da linguagem rançosamente lyrica escondem ou procuram esconder sentimentos só proprios de quem não tem familia, de quem não tem uma esposa, de quem não tem uma filha, de quem mesmo se esqueceu de que teve mãe e de que teve ou podia ter tido irmans) como eu quizera crer afinal, para honra da natureza humana, que sim, que seja considerada e que seja amada pelo homem: se assim é: como não augmentar, antes diminuir ou desaparecer, essa alta consideração e esse devotado amor, ao verem-a a seu lado na lucha pela vida e na lucha pelo progresso, trabalhando com elles e com elles cantando — cigarra, sim; mas, ao mesmo tempo, abelha — não já parasita como até agora, mas procurando, na medida das suas forças e segundo as forças da sua natureza, ganhar o seu pão quando solteira e quando casada, quando

dona de casa, quando mãe em summa, contribuindo com a sua quota para as despesas do casal e para a manutenção dos seus filhos, que nella terão uma garantia de subsistencia, se por qualquer fatalidade, o pae lhes faltar, o pae lhes adoecer, o pae se lhes inutilisar, o que tantas, tantissimas vezes, succede, desgraçadamente?!

E ha de uma mulher assim merecer dos homens menos respeito e menos estima?!...

Valha-nos Deus! Os homens, se bem pensassem quanto este argumento tem de deprimente para elles; nem se lembravam de o usar, por muito convincente que elle fosse, que não é tal: estou bem certa.

Pois que ideia haviamos de nós fazer da sua generosidade, da sua justiça, da sua humanidade, se fossemos a tomar á lettra as suas palavras?!

Mas calumniam-se a si proprios; repito: os homens não são assim: ou, pelo menos, uma grande, e a melhor, parte dos homens não é assim: estamos já, felizmente, muito distantes da selvageria...

Depois, as opiniões, mesmo entre os homens, dividem-se: e dia a dia cresce o numero dos partidarios verdadeiros, a valer, da mulher, apesar das diatribes, apesar das ironias, apesar das fingidas lastimas e dos refalsados louvores de alguns que acham—os felizes!—que tudo está muito bem como está, que vivemos no melhor dos mundos possiveis e imaginaveis!

—*La vérité a l'épiderme imperméable à la raillerie*, escreveu Pelletan.

E assim é que, apesar de todos os protestos, de todas as opposições, de todos os obstaculos e de todos os apodos, um dia virá, e eu creio que esse dia virá proximo, em que a sociedade, e em que sobretudo os homens, vejam ao seu lado, com um largo e generoso sorriso de satisfação, a mulher como elles semeando e ceifando no campo do Progresso, como elles combatendo e vencendo na lueta pela vida, trabalhando e cantando ao lado d'elles, intelligente e livre e confiada como elles, sua equal, sua companheira, sua irmã, qual Deus a

fez, qual Deus quiz que ella fosse ao creal-a do mesmo bar-ro e ao insuflar-lhe a mesma alma.

Esse dia virá: e eu creio que esse dia virá proximo...

Porque—«um philosopho ha que não dá peso a nenhum preconceito: esse philosopho é o progresso: á medida que vae enriquecendo a sociedade com um novo trabalho, vae chamando a mulher por espirito de generosidade ao beneficio da sua descoberta.»

Sabeis quem falla assim?

E' ainda Pelletan.

\*

\* . . \*

—Instruir a mulher é armal-a contra toda a surpresa; tudo o que se dá á rasão tira-se ao capricho—são tambem d'aquelle illustre philosopho estas palavras.

Felizmente que sobre a conveniencia de instruir a mulher ha hoje, senão unanimidade, grandissima maioria de votos.

Sim: dizem todos ou quasi: é preciso instruir a mulher para que ella possa acompanhar o homem na sua marcha ascensional e prendel-o a si e fazel-o amar a familia e o lar. Que elle encontre nella essa companheira intelligente e esclarecida, capaz de o comprehender, de o animar, de o aconselhar mesmo, quando não tanto, de se interessar ao menos pelo que o interessa: em vez d'uma frivola e ignorante que boceje quando elle lhe leia a mais sublime das suas paginas ou, peor ainda, o interrompa com a descripção de bailes e de atavios quando elle lhe exponha a mais engenhosa e a mais lucida das suas descobertas.

Neste ponto, de accordo todos ou quasi.

Sobre a quantidade e a qualidade da instrucção a ministrar-lhe é que as opiniões, infelizmente, se dividem.

Uns: que se lhes ensine isto; outros: que se lhes ensine aquillo; quasi todos: que se lhes não deve ensinar tudo.

E' o passado a não querer ceder de todo o passo ao futuro: a rotina a querer apparentar de generosa e não dizer-se vencida pelo progresso: o preconceito forçado á evidencia

pela razão, mas ainda querendo, ao menos em parte, levar ávante os seus caprichos.

Só assim explicar se pode taes hesitações, taes apprehensões, taes restricções.

Pois, se a sciencia é um bem e não ha, depois da virtude, bem maior do que a sciencia, porque se lhe não ha de ensinar toda a sciencia, todas as sciencias, tudo: quando ella possa e queira estudal-as e para esse estudo se sinta com as precisas aptidões? porque se não ha-de dar á mulher a mesma instrucção que ao homem, deficiente como é, incompleta como é, assim superficial por vezes e por vezes diífusa como é, como todos confessamos e lamentamos que seja? se a nossa instrucção primaria e sobre tudo a nossa instrucção secundaria e superior não é o que devia ser, razão não é isso para que ella seja recusada á mulher: se é sufficiente para o homem, porque não o ha-de ser para a mulher? e, se não é sufficiente para o homem, melhorem-na, organisem-na e forneçam-na tal qual deve ser e como deve ser: mas á mulher como ao homem, porque ellas como elles são filhos de Deus e para ellas como para elles brilha o sol no ceo e a verdade na sciencia. E, se nem só de pão vive o homem, como querem então que só de pão viva a mulher? E, se a pouca sciencia afasta de Deus, pelo mesmo theor que a muita sciencia de Deus approxima, como não receiam então que a mulher, com essa sombra de sciencia com que procuram illudir-lhe a sua sede de verdade, longe de se approximar de Deus, de Deus se afaste? e, se o principio da sabedoria é o temor de Deus e para se ter o temor de Deus é mister conhecê-lo e Deus é a summa-verdade e a sciencia é o caminho da verdade — que nefando crime commetteu a mulher então, para se lhe negar a sciencia, para se lhe recusar a verdade, para se lhe esconder Deus?

E veem-nos então com a inferioridade intellectual da mulher e o esta nada ter até hoje escripto ou descoberto de notavel nas sciencias...

Mas quando foi que estas se lhe ensinaram? quando foi que á mulher se lhe facultou meio de nellas se distinguir ou para ellas contribuir com a sua parte?

Inferioridade intellectual . . inferioridade intellectual!

Commentando o asserto de G. le Bon, de que — sob o ponto de vista psychologico, a mulher ingleza lhe parecia ser a que mais se approxima do homem e a que anatomicamente mais d'elle se approxima tambem — ainda ha pouco tempo escrevia o sr. Adolfo Coelho na revista *Portugalia* estas palavras:—«Ha pois graus na distancia mental dos dois sexos, e nada mais natural portanto que o desaparecimento d'essa distancia. A verdade, simples e imparcial, que factos bem averiguados permite afirmar, é que ha muitos homens intellectualmente inferiores a muitas mulheres; que estas podem attingir um desenvolvimento logico muito notavel, provado, por exemplo, pela sua capacidade na cultura das mathematicas e d'outras sciencias de methodos severos.» E ainda:—«O que mais approxima a mulher, fóra das classes trabalhadoras, das condições mentaes do povo em geral é a falta de cultura de que tem sido victima e o que muitas vezes a faz descer abaixo da mulher do povo, senhora das boas virtudes tradicionaes, é uma pseudo-cultura que a deprava.»

Tambem G. Romanes, estudando as differenças mentaes entre homem e mulher, disse:—«Seria facil achar numerosos exemplos de mulheres desenvolverem melhor juiso que homens, exactamente como em casos analogos de trabalho scientifico ou artistico.»

Inferioridade intellectual, não; inactividade intellectual, sim. Seculos e seculos de ignorancia; seculos e seculos de paralisia; ou peor que isso: de ruim cultivo: e queriam então ver agora a intelligencia da mulher tão activa, tão fecunda, tão luminosa como a do homem?!

Mas, Deus meu! é um contrasenso que brada aos ceos!

A intelligencia da mulher mettida num carcere escuro, vergada sob ferros, a pão e agua como um escravo: a intelligencia do homem, como um athleta, na arena, em pleno exercicio, ao sol de Deus, ungida de todos os oleos, em plena vida: e quando, ao cabo de seculos e seculos do horror d'esta inqualificavel injustiça, aquella se resolve a clamar para esta que tambem quer sol, que tambem quer ar, que tambem quer

vida, esta, gloriosa e triumphante, grita-lhe, num sarcasmo que faz lembrar o da noite do Calvario: — Tu nada fizeste: tu não és capaz de fazer o que eu faço: senão, experimenta!...

E, reforçando o braço, vae varar com a frecha d'ouro do seu arco o coração em fogo d'uma estrella!

Grande africa! Tivessem dado á mulher o pão do espirito, como ao homem, e já a sua intelligencia, robustecida que não atrophada, chegaria até onde chega a do homem, a do homem normal pelo menos — que os homens de genio são muito raros...

E demais, o genio mesmo, não já nas artes, mas até nas sciencias, o que é que nos prova que elle seja apanagio do homem?

O contrario provam-no os factos...

Ahi temos nós, no momento actual, M.<sup>me</sup> Clémence Royer com o seu assombroso livro sobre a constituição do mundo e a dinamica dos atomos, que nos vem da França apregoado pelos competentes como uma obra de genio; e que é bem de genio e como tal deve ser reputada, se na verdade dá pela primeira vez, como nos asseveram, uma solução racional do grande problema da materia e resolve o grande desconhecido da natureza do substratum cosmico e fornece finalmente uma noção concreta do estofa de que todas as coisas são feitas...

Obra d'uma tal magnitude, dizem, que não haverá, nem mesmo em Paris, uma dusia de homens capazes de a comprehenderem em todo o seu alcance!

Ah! eu sei o que me retorquirão:—Uma obra materialista!...

E' verdade: é uma obra de philosophia materialista: e a mim me doe que o seja, como áquelles a quem mais dôa...

Mas ahi temos outra, M. Annie Besant, espiritualista esta, ah! e bem espiritualista, rasgando á Metaphisica horisontes ineditos com as suas duas obras — *Formas creadas pelos Pensamentos e química occulta* e a *Constituição septenaria do homem*...

De resto, para o meu caso, e agora sobretudo, citar os nomes d'uma e d'outra, encarecer as obras d'uma e d'outra,

e d'uma e d'outra apregoar e elogiar o esforço, o tentamen, a solução dada—que ambas apresentam como verdadeira e como verdadeira a julgam no ardor da sua crença e na sua sede de verdade—não é fazer profissão de fé: é simplesmente aproveitar o ensejo para apresentar aos homens de pouca fé na intelligencia feminina dois altos espiritos de mulher que se ergueram, no seu vôo para a Verdade, lá até onde subiram, quando subiram, os homens que a mais altas regiões se teem abalançado, e que, porque tão alto subiram, apesar de antipodas, no infinito a que parallellas se elevam sem duvida se vêem, se encontram, se identificam...

Casos esporadicos?...

Serão... Mas porque não tentar ao menos converter em regra a excepção? que custa a experiencia?—a ver, ao menos...

Não quer isto dizer que se faça de toda a mulher um philosopho, não: mas que se dê a todas os elementos precisos para voarem até á clarividencia do genio, para o seu genio em toda a luz se nos revelar, quando o possuirem, quando Deus lh'o tenha dado. Pois, porque não?! Que se lhes ensine a bem pensar e seguidamente se lhes faça comprehender bem o que é o Homem e o que é o Mundo e o que faz no Mundo o Homem: e, se é isto philosophia, ensine-se-lhes, pois, a philosophia.

E por isso eu quereria a mulher instruida como o homem, sem distincção: ou antes, para não desvirtuarem o meu pensamento,—podendo instruir-se como o homem, quando o queira, quando as circumstancias lh'o permittam, quando as suas faculdades lh'o reclamem. Que se lhe ensinasse o que respeita ao seu sexo, primeiro que tudo; e que, depois, conforme a profissão a que se destinasse, a carreira que seguir quizesse ou aquillo para que mais vocação sentisse, se lhe fornecesse a instrucção precisa, litteraria, scientifica, artistica ou professional, a instrucção precisa, em summa, como se faz para o homem ou, por outra, como se deveria fazer para o homem e como, principalmente entre nós, se não faz na maior parte dos casos.

Instruída ou podendo instruir-se, como o homem, como se fôra um homem, e—nada de assombros... intempestivos, que eu voltei a este assumpto para, já agora, dizer todo o meu pensamento—instruída em commum com o homem, em escolas communs, que puzessem os dois sexos, desde a mais tenra idade, em presença um do outro, naturalmente, simplesmente, honesta e despreocupadamente. O propositado afastamento dos dois sexos, a vigilancia exaggerada e mal dirigida, quanto ás relações que entre um e outro se não podem evitar, a preocupação do peccado nellas, nellas a tentação do prohibido, tudo isso que hoje constitue norma de moralidade, mal chegados elles e ellas á puberdade, julgo-o eu, considero-o eu antes um estímulo para a immoralidade, fazendo-as ver a ellas no homem o tentador futuro e a elles fazendo-os ver na mulher a futura victima. Pois não é verdade que o constrangimento, que em regra para logo se estabelece entre homem e mulher, mal um do outro se approximam; essa como que obrigação que elle sente para logo de lhe falar de amor, e essa como que espectativa em que ella para logo fica de lhe ouvir galanteios; como se um ao outro nada mais tivessem que se dizer e um ao outro nada mais se pudessem inspirar: essa monomania amatoria, esse pesadello do sexo, essa ideia fixa, em summa: isso que nós para ahi vemos e bom fôra que de ver deixassemos:—não é verdade que isso tudo é, em grande parte, uma resultante apenas da falsa educação que elles e ellas tiveram, desde pequenos separados, desde pequenos vigiados, um ao outro apontados desde pequenos, a ella este como inimigo de que é preciso acautellar-se, aquella a elle como instrumento que é de rigor converter em distracção propria?...

Pode bem ser que esteja enganada: mas é que eu tenho a radicar-me esta convicção o facto, para mim concludente, de ter convivido com rapazes desde que comecei a instrucção primaria até que conclui a instrucção secundaria—desde creança até ser mulher portanto: e, se alguma vez ouvi palavra que, por grosseiramente galante ou galantemente grosseira, me tenha forçado a sentir-me córar na alma (que no rosto force-

caria eu por que me não vissem corar): essa palavra — aqui o declaro para honra dos meus condiscipulos e contemporaneos do Lyceu — não foi dos labios de nenhum d'elles que ella veio, que eu a tive de ouvir; não foi. Para todos elles fui um camarada, um companheiro, um amigo, um condiscipulo que os auxiliava por vezes e a quem por vezes auxiliavam: nada mais.

Não era uma mulher: era um estudante.

E' que, porque me viam com um livro debaixo do braço, já a differença de sexo os não preocupava.

Ora a ideia do peccado é já de si um peccado. O pensamento impuro é já de si um impulso para cahir. A apprehensão breve se torna obsessão, possessão, perdição.

O medo não é só contagioso; é pathogenico. «Si la peur nait de la faiblesse, elle l'engendre à son tour» — diz B. Pérez no seu bello livro *L'Education morale dès le berceau*. E' que, segundo diz A. Mosso, no seu tractado *La peur*: «A excitação do systema nervoso predispõe o individuo ao medo, que reage por seu turno sobre a excitabilidade e a augmenta indefinidamente.»

Os Agiologos que escreveram que S. Luiz Gonzaga nem para a mãe olhava com medo de peccar, expuseram como sendo um facto o que apenas era... fructo da sua imaginação. A' força de quererem exaltar a sanctidade e a pureza do Anjo da Mocidade, iam fazendo d'elle, se os acreditássemos, um monomaniaco, senão um monstro.

Não: a verdadeira innocencia é a que não teme o mal — porque o ignora: a verdadeira bondade não está só, e nem sempre está, em não praticar o mal; está, sobretudo, em não o pensar; está em nem o pensar sequer.

Ora os rapazes d'hoje e as meninas d'hoje habituamol-os e habituamol-as nós, desde creanças, a quasi não pensarem senão no mal: — para o evitarem, é certo; mas a pensarem nelle: este é que é o caso.

Prohibimos-lh'os: e de tanto que lh'os prohibimos aguçamos-lhes o desejo de o praticar.

A prohibição é uma tentação. Se o foi no Eden, como o não ha de ser no mundo?

A educação é uma somma d'habitos, diz Ribot: o papel da educação consiste em formar habitos, diz Huxley:—portanto, se a moralidade está na acção e não na ommissão, a educação deve ser positiva, não negativa: deve estar sobretudo na exhortação ao bem, não na prohibição do mal.

Mas será este um assumpto de que brevemente me occuparei desenvolvidamente.

Para o meu caso, o que para mim é fóra de toda a duvida é que pelo convívio—nos devidos termos, disciplinado e sensatamente fiscalizado—da eschola, a principiar pela instrucção primaria, que prepararia naturalmente os dois sexos para a communidade na instrucção secundaria e superior, não só acabaria, pois, esse constrangimento, essa indifferença, quando não é hostilidade entre elles (uma vez posta de lado a ideia do galanteio...) mas, o que é mais, estabelecer-se-ia entre homem e mulher essa atmospheria de confiança, de respeito, de estima, que tanto seria para desejar.

O homem habituar-se-ia a ver na mulher não só a sua futura companheira do lar, mas tambem a sua actual companheira d'estudo, a sua companheira no trabalho, de que, pela dura lei da necessidade, ella se vê todos os dias obrigada a lançar mão.

Quer isto dizer que todas as mulheres devem exercer uma profissão, ou ter um emprego?

Não: mas que todas ellas devem munir-se da habilitação que lhes garanta o exercicio d'uma profissão ou do diploma que lhes dê direito a um emprego: para que a uma surpresa da sorte, ellas se não vejam de repente cahidas na miseria, tendo vivido até ahi na abastança, cercadas de commodidades.

Será isto insensato, immoral, ridiculo, e tudo o mais que eu p'ra ahi ouço dizer?

Eu é que não posso comprehender—como o pae, no interesse das filhas que não pode dotar; como o pae e o esposo, no interesse da mulher e dos filhos, a quem, morrendo, deixa tanta vez ficar na mais miseravel das situações; como o pae, como o esposo e como o irmão, como o homem, em summa, não se deixa penetrar d'esta grande necessidade—do

trabalho remunerado para a mulher; e como não acha natural, justo, justissimo, inadiavel, que se lhe franqueie de vez, sem murmurios nem ironias, o acesso aos empregos, ás profissões, a todo o trabalho honrado que lhe possa, e aos filhos quando os tenha, garantir a subsistencia.

E ahí está que esta minha ideia da conveniencia do estudo em commum dos dois sexos, ideia que antecipadamente sei irá susceptibilisar grande parte do publico, juntamente com a grande influencia moral e moralisadora que já lhe notei, outra grande conveniencia, esta de ordem social, traria consigo: — a de abrir ou pelo menos de preparar para a mulher a entrada no magisterio secundario e superior, a que muito bem poderia concorrer com o homem e onde estaria tanto á sua vontade e tanto na sua esphera d'acção, e para o que (digamol-o ainda, visto que é necessario não deixar porta aberta a objecções) ella tem mostrado toda a competencia, nos paizes, e tão poucos não são elles já, onde o ingresso ás cadeiras universitarias lhe é facultado.

«Quand on a entendu madame Pape à Paris et madame Crombugge à Bruxelles, il semble qu'on pourrait ouvrir à la femme la porte de l'enseignement supérieur et de l'Université».

Pelletan dizia isto em 1865.

Hoje, lá fóra, nas nações mais adeantadas, as mulheres recebem como os homens, o grau de doutor e ensinam mesmo já em muitas Universidades. . .

Os seminarios e academias do Estado de Nova-York eram frequentados em 95 por 23:556 raparigas e 18:243 rapazes. A essa data, de 368:791 professores, 224:342 eram mulheres. Contavam então os Estados Unidos cerca de 2:400 doutoras: a Inglaterra 140.

E lembra-me que em 91 Anna Vadel ensinava mathematica na Universidade de Stockolmo, em substituição de Sophia Kowaleuwska, fallecida pouco antes.

E uma generosa ala de poetas, romancistas e dramaturgos, tendo á sua frente dois grandes espiritos — Bjornson e Ibsen, o radioso e glorioso Ibsen — longe de a julgarem ridicula e

insensata e immoral, muito pelo contrario nos seus poemas, nos seus romances e nos seus dramas com todo o enthusiasmo advogam a admissão das mulheres á instrucção e ao trabalho...

*Le monde marche!*

\*  
\* \* \*

No discurso sobre *Il Problema didattico*, lido em Patti, a 1 de junho de 1890, por occasião da distribuição de premios das Escolas-Gymnasias, technicas e elementares, o illustre poeta e abalizado professor sr. F. Italo Giuffré, entre outras coisas de subida importancia, occupando-se, se bem que de passagem, mas com superior criterio, da *Mulher-educadora*, disse:

«Não vos fallarei *ex-professo* da mulher-mestra, mas sim de um meio importantissimo pelo qual bem pode a mulher tornar-se utilmente mestra, e vem a ser a comunidade dos sexos na escola. E satisfeito fiquei eu por ver aqui em Patti as escolas frequentadas por senhoras e satisfeitissimo por ter sob o meu magisterio duas meninas intelligentes e estudiosas a quem aproveito o ensejo para tributar, nesta festa solemne, merecidissimos louvores.

«A utilidade da comunidade dos sexos na eschola, se entre nós se pudesse estabelecer em mais larga escala, seria immensa, e eu vejo-a ou parece-me vel-a toda. Edmundo De Amicis a ella se referiu em algumas poucas palavras postas na bocca de Ricconovaldo, personagem d'uma das suas melhores obras, exemplo quasi unico de novella pedagogica, que intitolou *Furio*. Como se tornaria delicado e perfeito o sentimento do homem posto em contacto com o da mulher! Quanto nos não tornaríamos nós mais artistas, convivendo desde a infancia com a mulher, que é artista por natureza, com a mulher

Caro elitropio che si gira a Dio,  
Che per corolla ha la beltade e spande  
Per effluvio mollissimo l'amore!...

«E o amor, nascendo lento e pacifico na alma do homem, seria o seu estado normal e tornar-se-ia um doce accordo de caracteres, de affectos e de pensamentos.

«A Venus-vaga e a Venus-solitaria, que são dois graus infimos do amor, desapareceriam talvez do mundo; o matrimonio, pois que os esposos poderiam reciprocamente escolher-se entre muitos, seria a verdadeira união, pensada primeiro e realisada depois de ter descoberto no companheiro ou na companheira egualdade de indoles e communhão de pensamentos. Todas estas vantagens nos adviriam da communidade dos sexos na eschola: mas, não nos illudamos, é simplesmente um bello sonho, uma bella intuição do futuro em que é licito enlevarmo-nos, com tanto que não nos esqueçamos do presente.

«Emquanto a mulher vir no homem um seductor, que está na obrigação de evitar, e o homem na mulher uma victima destinada em holocausto ao seu prazer; emquanto nós teimarmos em considerar as mulheres como umas graciosas cabeças tontas que é preciso vigiar zelosamente e resguardar dos olhos d'outrem; emquanto homens e mulheres continuam a olhar-se reciprocamente com o desejo ancioso porque não satisfeito e com o medo de satisfazel-o; emquanto os livros de Paulo Mantegazza forem reputados immoraes sem se dar conta das vantagens que a mocidade pode tirar de confessar-se o mal com severidade e candura que de nada se arreceia; emquanto a *Physiologia do matrimonio* de H. de Balsac parecer um bello livro a muitos e se chamar realismo á pornographia de Stechetti; emquanto, em summa, o nosso povo não vir claramente que se encontra entre o serralho dos Orientaes e a egualdade dos sexos dos Americanos e que, com o decorrer dos tempos, terá que decidir-se por um ou por outro polo; inutil será fallar de reformas escolares a que se opporiam prejuisos demasiadamente arreigados. E assim forçoso será contentarmo-nos com ter na mulher uma educação ornamental que para mim é simplesmente um lustre, um verniz que os paes, á falta de melhor, dão ás suas filhas: a educação da forma é uma coisa que nada tem que

«ver com o meu raciocinio: eu fallo da educação do coração e do character, d'aquella educação pela qual um povo pode com rasão chamar-se um povo civilisado. Olhae que d'esta para a educação ornamental nos vae uma grande distancia, e eu conheço, e vós tambem sem duvida, tantas e tantas senhoras que sabem lindamente tocar piano, fallam francez como se tivessem nascido na *Ilha de França*, sabem inclusivamente fazer versos, e são pessimamente educadas. Estas mulheres teem o amor da frivolidade, porque se deixou sempre correr a agua ao seu sabor e não se pensou que as gerações crescem no collo das mães. Teem o amor das leituras phantasticas, porque o seu cerebro foi educado com manjares indigestos que lh'o fatigaram com mil pedanterias qual d'ellas peor. Teemo amor da bisbilhotice porque a sua vida ficou sempre redusida á miseravel comedia d'um dia e a viver da curiosidade que vê o lidar dos outros. Teem o amor desenfreado dos divertimentos porque a sua casa é muitissimas vezes o asilo do tedio e pouquissimas o ninho do affecto. Teem o amor da comparseria e da *mise-en-scène*, porque a verdade pura nunca lhes foi ensinada. Dir-se-á que tambem os homens teem alguns d'esses defeitos. E é talvez verdade, mas para quê dissimularmol-o? — o que nos homens é uma excepção d'uns poucos occiosos, nas mulheres é o habito ordinario. Dir-se-á ainda que isso é uma prova da inferioridade da mulher, e eu não estou aqui para contestal-o. De physiologia estudei pouquissimo e nunca pesei o cerebro de ninguém: de resto direi por meu turno com o poeta: *Per siffatta alchimia dov'è il fornello?* Seja que não seja, tenham que não tenham as mulheres menos massa encephalica do que os homens, *più molli e più tenui le membra e la mente men capace e men forte*, como diz Leopardi, sejam que não sejam mais frivolas, em summa, tenham muito embora mais faculdade de sentir que de comprehender, nada isso tira a quanto expuz até aqui; pois, se é prova da inferioridade feminina a leviandade, não quer isso dizer que se deva descerrar a educação na mulher sobre tudo pelo que respeita aos sentimentos, e, já que até hoje se não fez prova em contra-

«rio, persisto na opinião de que, melhorando a educação, as  
 «mulheres deverão necessariamente melhorar. E por melho-  
 «rar não entendo que hajam de invadir a orbita de acção dos  
 «outros: fiquem-se puras mulheres na feminilidade e abun-  
 «dancia dos affectos, no vivaz e espontaneo abandono do cora-  
 «ção, mas venham expandir em torno de nós essa benefica luz  
 «que transparece de quem quer que sabe amar e comprehen-  
 «der e commover-se: e então as leis, os costumes, as esperan-  
 «ças do nosso povo serão abençoadas pelo sorriso encantador  
 «das graças.

*Nell'immenso crogiuol de la Natura,  
 Elementi d'amore e di bellesa  
 Cospargi, o donna, amabil creatura,  
 Che de la vita sei luce ed ebrezza.*

*Come d'Orfeo la lira, ne l'oscura  
 Selva del mondo, cangi la crudezza  
 D'ogni essere in bontá dolce e pura;  
 Tu sei nobile sprone a la grandezza.*

*Sia che raccolga un fior, sia che t'assida  
 Tra molli erbe o ti bagni in mezzo all'onde,  
 Tu divinizzi l'universo intero...*

*E come'l ciel sembra seren, se fida  
 Oï rivolgi le luci pudibonde,  
 Il cor cosi de l'uomo ed il pensiero.*

«Estes versos escrevi-os eu nas minhas *Stagioni poetiche*  
 «ha muitos annos já; mas não é, crêde-o, poesia de cabeça  
 «juvenil: é o desejo vivissimo, prepotente, de que o vosso co-  
 «ração, senhoras, comprehenda toda a importancia que tereis  
 «na vossa familia e na vossa escola e consequentemente na so-  
 «ciedade. E' absolutamente necessario que todas as meninas  
 «frequentem as escolas e deem ao estudo o melhor do seu

«tempo e o seu maior amor, porque é esse o campo onde as  
 «mulheres são chamadas a desenvolver a sua maior energia  
 «e perseverança. Estudar as inclinações e o caracter dos jo-  
 «vens para poder pôr uma barreira ás paixões menos genero-  
 «sas e para desenvolver as tendencias melhores, tarefa difficil  
 «é esta, mas indispensavel para quem queira conscienciosa-  
 «mente attender ás obrigações de mãe e de mestra, e neste  
 «estudo apaixonado e attento deve bazear-se a educação que  
 «é necessaria ao desenvolvimento das ideas mais nobres dos  
 «tempos que vão correndo. Estudar o coração e o caracter  
 «para modifical-o e melhoral-o, é o grande segredo de educar  
 «os jovens para a virtude, e para esse estudo ninguem mais  
 «apto do que a mulher, que, pelo amor, pela persuasão, pelo  
 «carinho, pode fazer o que nenhum homem é capaz de obter  
 «com os seus pichosos, hirtos e scientificos raciocinios. A lo-  
 «gica dos factos pode abalar-nos: só a rasão do coração pode  
 «fazer-nos amar o bem e persuadir-nol-o, e esta rasão do co-  
 «ração teem-na as mulheres em summo grau e devem fazel-a  
 «valer com o prestigio fascinador da bondade e da virtude.  
 «Porque se não hão de occupar de tudo isto as mulheres?  
 «Longe de mim dizer que devam todas dedicar-se ao ensino.  
 «Deus me livre d'isso! Teem muitas outras coisas a fazer:  
 «mas eu estou com aquelles que julgam que o saber deve ser  
 «patrimonio de todos e a todos trazer ajuda e que não é o  
 «estudo pratico e largo que prejudica, mas sim a superficiali-  
 «dade e as noções apanhadas aqui e alem sem um fim social,  
 «sem a consciencia de aprender para ser util a si e aos outros.  
 «Dir-me-eis que as mulheres teem pouco tempo e que, que-  
 «rendo instruir-se largamente, se desaffeiçãoam da sua familia  
 «e da sua casa. Qualquer exemplo basta para dissipar essa  
 «duvida que ondeia na mente dos que não quereriam a instru-  
 «cção na mulher. A sr.<sup>a</sup> Beecker Stowe, auctora d'aquelle fa-  
 «moso romance que provocou a libertação dos escravos, per-  
 «guntando-lhe um illustre francez quando e como tinha pen-  
 «sado a *Cabana do Pae Thoma*, respondeu, com uma sim-  
 «plicidade que raia pelo sublime, estas palavras que revelam  
 «toda a gentileza d'aquella alma e toda a sciencia da vida pra-

«tica : «*Fazendo sosinha a cosinha da casa.*» A sr.<sup>a</sup> Beecker «Stowe fazia a cosinha da casa, enquanto pensava o mais bello «romance da epocha, um d'aquelles romances que deviam re- «vindicar uma raça inteira e pelejar a suprema batalha dos «direitos do homem. Esse romance foi a cruzada do coração, «e fazia chorar o poeta Alfredo de Musset e afastava a ironia «dos labios e da penna de Henrique Heine, esse Stern da «Allemanha. E era uma mulher que fazia a cosinha da sua «casa! . . . Em Napoles vivia uma mãe exemplar que se cha- «mava Maria Josephina Guacci. Não vos pode ser desconhe- «cido o nome, porque é contado entre os das mais illustres «poetisas italianas: pois bem! Josephina Guacci, subidamente «apreciada por aquelle galhardissimo espirito de Giusti, dictava «as suas melhores poesias concertando os fatos dos seus filhos, «porque Maria Josephina Guacci era primeiro que tudo uma «dona de casa e exercendo a sublime poesia da maternidade, «deixava muitas vezes escapar-lhe a que se pesca no tinteiro. «Poderia citar-vos muitas outras senhoras, honra e orgulho «da Italia: mas nem tenho tempo nem creio estar isso dentro «do meu thema. Se citei estas, foi para vos persuadir de que «é uma injustiça grave suppor que o estudo seja inimigo da «vida de familia e citei-vol-as porque redundam em honra do «bello sexo e nos ensinam de que modo deverão as mulheres «occupar o seu espirito e o seu tempo. A todo o homem que «sente e que pensa é necessaria uma companheira que o com- «prehenda nas suas duvidas, nas suas batalhas, nas suas es- «peranças, nos enebriamentos fecundadores da sua intelligencia, nas palpitações acceleradas do seu coração. Precisa que «lhe adormente as dores, que o reconforte nos dias de desa- «lento, que d'elle arrede, como um amargo calix, o eterno «tedio da vida material. A direcção dos negocios aos homens «cabe, é certo; mas á mulher compete preparar-lhes uma «abada de rosas que vão cobrir-lhes os espinhos dolorosos da «vida. Beneficas abelhas, as mulheres devem fazer distillar o «mel dos troncos, sorrir por entre as lagrimas e reboçar com «palavras d'amor e d'alegria os tormentos do coração. O amor «é o unico mestre de quem ellas devem inspirar-se para attin-

«girem o alvo de todos os sentimentos nobres e generosos e  
«para se erguerem á contemplação purissima de mais vastos  
«horisontes.

*Donne, da voi non poco  
La patria aspetta; e non in danno e scorno  
Dell'umana progenie al dolce raggio  
Delle pupille vostre il ferro e il foco  
Domar fu dato. A senno vostro il saggio  
E il forte adopra e pensa, e quanto il giorno  
Col divo carro accerchia a voi s'inchina.*

.....  
*Madri d'imbelle prole  
V'incresca esser nomate. I danni e il pianto  
Della virtude a tollerar s'appezzì  
La stirpe vostra, e quel che pregia e cole  
La vergognosa età, condanni e sprezzì.  
Cresca alla patria, e gli alti gesti, e quanto  
A gli avi suoi deggia la terra impari.*

\*  
\* \*

Assim fallou, na Italia, um homem; que é poeta, dirão; que é poeta, sim; e que é tambem um pedagogo distinctissimo: e por isso me permitti traduzir, como pude, esse excerpto do seu discurso, cumprindo assim a promessa em tempos feita pelo director d'esta revista.

E fecho assim estas paginas, a que, se outro valor não teem, este lhes não falta ao menos: -- o de serem muito sinceras e muito sentidas; tão sentidas e tão sinceras que, escriptora e mãe, a mulher, que sou, nellas não fez mais do que dar largas como escriptora ás suas mais caras aspirações como mãe.

Se Deus me dêr uma filha, como já me deu um filho, educal-a-ei assim; educal-os-ei assim: e creio que elles me justificarão...

BEATRIZ PINHEIRO

P. S.: — Quando me resolvi a sahir da minha obscuridade e, contrariamente á pratica consagrada, apresentar-me em publico a expôr certas ideias, entre nós ainda muito contradictadas, sobre a educação da Mulher, claro está que não foi o amor de gloriolas que a isso me levou; mas, unicamente, o vivissimo desejo de as tornar o mais possivel conhecidas: — assim, dada a restricta publicidade d'esta revista, muito agradeço a todos os jornaes que se teem dignado transcrever as minhas *Chronicas*, e por agora, particularmente, á *Educação Nacional* e ao *Bracharensis* a transcripção da do penultimo fasciculo.

E porque, acima de tudo, preso o meu bom nome de mulher — de esposa e mãe que sou — á *Folha*, d'esta cidade, e ao *Lamecense*, de Lamego, penhoradamente agradeço as palavras de generosa justiça com que estes dois jornaes, nesse sentido, a mim se referiram, a proposito d'uma calumniosa referencia ao meu caracter feita por certo publicista que tem a desculpal-o o facto de me não conhecer

B. P.



## REGISTO BIBLIOGRAPHICO

*Ave Maria*—Versos de Candido Guerreiro.—Em um artigo menos mal escripto, mas detestavelmente pensado que o sr. Manoel Ribeiro publicou no *Campo d'Ourique*, faz-se ao auctor da *Ave Maria* uma apothese de adjectivos sonoros, archi-brilhantes, que me deixaram positivamente deslumbra-da...

Ora, comquanto a *Ave Maria* seja, na realidade, um livro encantador—o livro de um Poeta,—eu é que, desadorando a critica laudatoria, não deixo que o meu espirito, sequioso de luz, ebrio de liberdade, se fetichise perante os lindissimos versos do Candido, que como tudo quanto é bello—têm tambem o seu «senão».

*Ave Maria*, que eu conheço desde a sua infancia, tendo assistido a todas as evolutivas transformações porque o seu auctor a fez passar, é—ao contrario do que diz o sr. Manuel Ribeiro—um livro muito pensado, mas muito pouco vivido. E é nisso, ao que me parece, que consiste o seu principal defeito.

Levemente, subtilmente,—quem sabe se para velar-lhe algum sonho idyllico...?—refere-se Manuel Ribeiro ás saudades do Poeta,—amores longiquos, sem objectivo, ao presente... amores côr de rosa... amores ideaes...

E' porque o Candido, abjurando do seu credo cosmopolita, em que elle confessava adorar todas as femeas de cabello mais ou menos loiro e olhar mais ou menos azul,—é porque o Candido reza a sua poetica *Ave Maria* aos pés de uma só (?) mulher, deificando-a no altar da sua thurificante phantasia

E' pena que o poeta distribuisse perfeitamente ao acaso, por todas as paginas do seu livro, sem orientação de pensamento nem ordem chronologica, as composições menos estudadas e mais bellas da *Ave Maria*. Se este *recueil* de formosos versos tivesse obedecido a uma distribuição escrupulosa, o livro de Candido Guerreiro teria ganho em vida passional o que perdeu no apparente desleixo do seu conjuncto.

*Ave Maria*, efectivamente, é um documento do coração humano, com todas as suas aspirações e todos os seus tédios, com todas as suas auroras e todos os seus occasos, todos os seus *requiems* e todos os seus hymnos.

Sómente o que eu desejava que fosse sentido, que fosse bem de dentro, não passa de um *truc*, essa arma *julio-dantista*, que quasi todos os poetas da geração moderna trazem no bolso do *smocking*, em troca do romantico punhal de outras eras.

E' pasmoso como estes *donzeis*, famintos de transcendencia, sequiosos do vinho do infinito, (*sic*), se resignam a comer rodinhas de paio, regadas com zurrapa de tostão!

Neste mundo que —segundo a opinião leibnitzica —, «é o melhor dos mundos possiveis», todos os modernissimos poetas anemicos têm uma mãe que os adora, uma irmã, uma esposa ou uma amante, que lê, como em livro aberto, nas paginas luminosas do seu coração; não lhes falta a sopa, vacca e riso do arcebispo; vão aos bailes, aos theatros, e morreriam de tristeza se os condemnassem a viver na solidão dos campos, que de resto cubiçam... mas ao longe, por causa da cheia... e no entanto — coitaditos! — consideram-se victimas do destino, soluçam em dó maior, chorando lagrimas de alexandrinos! Ah! — peccados meus! — chega a gente a desejar-lhes um olho de menos e a penuria de Camões!

\*

\* \*

Involuntariamente, arrastada pela onda caustica que me desborda da alma, sempre que se me deparam ouuropeis de sentimento, orgias de palavras, palavras, palavras... esqueci a *Ave Maria* e a especie de auto-biographia, que a seu respeito me impuz. Mas, — voltando ao assumpto:

Onde Candido Guerreiro se nos revela um poeta delicadissimo é nas suas quadras, verdadeiras perolas orientaes, desfiadas num escriptorio de marfim. Quadras trovadorescas, impregnadas de um perfume suavissimo, ellas abraçam-se, encaideiam-se, e sobem, sobem sempre, até descançarem lá em cima, muito no alto, na torre eburnea da ventura e do amor.

Reconheço, emfim, Candido Guerreiro, o cavalheiroso, o bohemio e o artista. Ouçamol-o :

Canta debaixo das ondas  
Epithalamios o mar,  
Talvez tu no seio escondas  
As trovas do meu cantar.

.....  
Na taça argentea da Arte  
Despejo o vinho do Amor,  
Porque eu quero embebedar-te  
Com o philtro encantador.

.....  
Veiu das bandas do Polo  
Nas azas do vento leve,  
Polen de flores de neve,  
Que foi poisar no teu collo.

E então neste, fecundado,  
Brotaram lirios de espuma ;  
O seu aroma perfuma  
O sonho do meu noivado.

Estas duas ultimas quadras, de um symbolismo adoravel, transparentisam-se docemente, como um ternissimo véo ceruleo, estendido sobre um berço... São todo um cantico de amor, esse amor poderosissimo que attrahe e fecunda as palmeiras . . .

Candido Guerreiro cultiva o soneto com muita felicidade, mas com pouca . . . facilidade. Os seus sonetos, na maior parte impeccaveis, resentem-se comtudo de um certo esforço, — percebe-se que o Poeta se obrigou para os produzir. Este esforço salta aos olhos no soneto — *Sedes sapientiae* — onde ha versos desafinados e banaes, como este :

Maria quer dizer 'strella do mar,  
e nos tercetos :

Porem, oh Alma, oh Luz, já que o destino  
Te condemnou a ser um filho de Eva,  
Meu innocente e triste pequenino,  
Seja perpetua a tua doce infancia,  
Escondida do mundo pela treva  
Das negras azas do Anjo da Ignorancia.

O ultimo verso, sobretudo, é tão comprido...—que nos faz pensar na Eternidade...

Outras vezes, a rima é aspera, dissonante. Por exemplo :

..... Subir é *ter de*  
 Cahir no desengano,—o mar Egeo.  
 Ai, tanto, tanto tempo que se perde  
 Em ir da Terra —noiva —ao viuvo —Ceo!

Adivinha-se que o mar Egeo desempenha aqui o papel de Pilatos no Credo. Era preciso para rimar com Ceo... e vae d'ahi...

Mas, não insistindo nestas pequenas imperfeições, que se perdem como duas ou tres pedras falsas numa *rivière* de brilhantes, *Ave Maria*, sem se filiar em escola alguma, destacando-se pela sua incontestavel originalidade entre os *versinhos* de tantos e tantos poetas (?), que, procurando fazer novo, apenas conseguem fazer tollice,—*Ave Maria* é um livro que deveria ficar, se...

... Se o Candido, em vez de ser um rapaz nobre e altivo, fosse um sabujo reles; se o Candido levasse adiante do seu nome a sonora trombeta do *reclame*; se vivesse em Lisboa e não se inutilisasse no meio estupidificante da provincia, entre a bandalheira da politica local, que a não ha nem pode haver maior.

Assim, a *Ave Maria* ha-de sumir-se na treva do esquecimento; mas restará ao Poeta a consolação de tel-a produzido, e á sua Musa a gloria de tel-a inspirado.

As *Trovas*, *Alvissima* e *Oração do árabe* são, a meu ver, as melhores composições da *Ave Maria*. A *Oração do árabe*, essa, é toda uma orchestra de estylo, um scenario feérico, na combinação esplendida das cores e no brilho do matiz.

Propositadamente não me tenho referido a alguns sonetos que, sendo evidentemente muito bonitos (passe a banalidade d'esta apreciação), têm para mim o imperdoavel defeito—entre outros que já mencionei—de armarem ao imprevisto, por meio de uma ideia rebuscada. Está neste caso o soneto—*Amor omnia vincit*—que termina por uma explosão :

Em paga d'este amor que me consome,  
 Abençoem teus olhos o meu nome,  
 E então unjido d'essa graça extrema,  
 Heide gerar das lettras que elle encerra  
 Auroras que illuminem toda a terra  
 —Hei-de assombrar o mundo num poema :

e um outro sem epigraphe, mas subordinado a duas notas explicativas, que não explicam nada . . .

*Noite azulada e morna. Palpitam as estrellas...*

Já me referi noutro lugar a este soneto, e por isso o não transcrevo. Demais, não quero assustar as Juliettas que se enamorem do bello retrato que abre o livro, dispensando-se portanto de o lerem, e ignorando talvez—as incautas!—que o Candido anda na Lua, e não encontra

na Vida este deserto

Onde passeia o vendaval do Incerto

o pão da Transcendencia e o vinho do Infinito. E como a sua gula (—que peccado tão feio, *mon cher!*—) e como a sua gula fique insatisfeita, entra a barafundar :

Oh mães, seja maldito o vosso amor,  
 como se ás pobres, depois de aturarem a telha dos filhos, ainda sobejassem alentos para os verem suicidar-se —com S grande!...

E cobarde que eu sou!—não me liberto  
 Nas azas do Suicidio redemptor!

Candido Guerreiro chama a isto *pessimismo*; porem eu que ando muito cá por este valle de lagrimas e não me permitto o arrojo de invejar as «amphoras de oiro» nem as «toalhas azues de seda», em que se vão os olhos sôffregos do Poeta, eu que sou muito burgueza e mesmo nada ideal, chamo-lhe simplesmente . . . *mentirismo* . . .

Mas é moda mentir . . . e não ha ahi poeta de cemiterio, a começar no sr. Julio Dantas, com o seu perfil tragico e os negros olhos fataes,—não ha ahi poeta que diga a verdade do seu coração.

Bemditos esses vermes que te comem,  
 Redimem-te de escravo, de ser Homem,

O bem e o mal, virtude e iniquidade.  
 Fica o amor a chorar-te? Embora, embora!  
 Que vale o pranto que a mentira chora  
 Sobre o Sepulchro — a unica verdade?

Depois de lêr isto, sente-se uma pessoa alliviada . . . Se «o Sepulchro é a unica verdade», o pessimismo do Candido é mentira; é mentira a *Ave Maria*, mas uma mentira encantadora, que eu propria, *sendo irmã gêmea do sepulchro* . . . desejaria ter perpetrado . . .

Concluindo:—*Ave Maria* é um livro bom, e Candido Guerreiro um verdadeiro poeta. Poeta discutivel em todo o caso, porque só os inuteis são indiscutíveis, e com esses não vale gastar cera . . .

Leal e velha amiga do Candido, eu poderia ter escripto um *artigo-claque*, estrellado de conceitos rubros e de periodos auri-flamantes. Mas, como odeio parcialidades e sou muito orgulhosa da minha liberdade espirital, digo apenas o que senti, quando me foi dado ler a *Ave Maria*, depois de publicada.

Ao Poeta e collega antigo — estas rosas e estes espinhos.

Ao Candido, ao Amigo, — a expressão da minha profunda alegria por vel-o no caminho onde se chega á conquista da Gloria.

MARIA VELLEDA (1).

1) Tencionava voltar a occupar-me do livro de versos *Ave-Maria* do sr. Candido Guerreiro, desenvolvendo e justificando a ligeira notula de impressões gratissimas que num dos passados n.ºs da *Ave-Azul* veio publicada. O motivo do proposito não vem para o caso dizel-o: é certo que o fizera; isso basta. Ao tempo, recebia da illustra escriptora, e poetisa tambem, que se acoberta sob o pseudonymo de Maria Velleda, o artigo supra. Tão conforme vinha elle, á parte o humorismo de «leal e velha amiga» do poeta, ao meu sentir, que por elle substitui—e com a troca ficam de ganho os leitores — as paginas q te trazia mais ou menos pensadas. Ganharão os leitores, disse: e não só os leitores: o auctor do livro tambem: porquanto, em vez do meu juizo que aos olhos do publico pudera parecer suspeito como justificativo das impressões antes publicadas, tem assim confirmado o alto conceito, em que o fiquei tendo, por uma senhora que, desinteressada e bondosamente franca, conclue por o julgar e ao seu livro exactamente como eu:— «*Ave-Maria* é um livro bom, e Candido Guerreiro um verdadeiro poeta».

E se o sr. Candido Guerreiro tem sobejos motivos para se orgulhar, eu não os tenho menos para me rejubilar.

C. de L.

\*  
\*   \*  
\*

*Il Trionfo di G. Leopardi* (Poema lyrico de F. Italo Giuffré)—O facto de ter vindo transcripta na *Iride Mamertina* (onde o seu illustre director anda archivando os juisos criticos da imprensa italiana e estrangeira áquelle seu poema referentes) a meia dusia de linhas em que muito de passagem a elle me referi tambem quando do seu auctor me occupava, obriga-me a desquitar-me, mais cedo (se bem que já demasiado tarde) do que pensava, do compromisso que na occasião para comigo mesmo tomei de lhe consagrar artigo largo em que da sua tessitura e merecimento devidamente informasse os meus leitores. E propositadamente d'antemão classifico estas paginas de simplesmente informativas, porque applausos, louvores e adjectivos panegyricos dispensa-m'os o illustre poeta que demasiados tem recebido dos competentes: e o meu leitor, e sobretudo a minha leitora, é que me não dispensará talvez, e com razão, de lhe dizer o que seja *Il trionfo de G. Leopardi*...

\*  
\*   \*

E, antes de mais: a minha leitora sabe quem foi G. Leopardi...—Um poeta italiano que *morreu*, com menos de quarenta annos (1798-1837, *virgem*, segundo asseverou o seu intimo amigo Antonio Ranieri, *tendo amado duas vezes como nenhum homem jamais amou na terra*...

E' o bastante, não é verdade? para lhe interessar a curiosidade.

Aos litteratos do meu paiz uma coisa lhes quero eu lembrar, que talvez lhes não seja de todo inutil:—este poeta, sobre cujas cinzas, cem annos decorridos depois do seu nascimento, floresce, rubra e immarcessivel, a prestigiosa flor triumpicante da immortal gloria, deixou apenas... um pequenino volume de versos; nada mais.

E foi um poeta—um poeta a valer.

Foi poeta: e não foi só poeta: foi philosopho.

A sua doutrina, resuscitada por Schopenhauer e commen-

tada por Hartmann com uma assombrosa erudição científica, é a unica que, por emquanto, faz frente ao positivismo dominante na burguezia mais ou menos illustrada.

Pois essa philosophia deixou-nol-a elle compendiada nesse pequenino volume de poesia e noutro egualmente pequenino volume de prosa—que é da melhor prosa italiana.

E foi um philosopho—um philosopho superior.

Tudo o mais que escreveu, todos os outros volumes que nos deixou, porque este poeta e philosopho passou a sua curta vida a escrever, são trabalhos de erudição—notabilissimos trabalhos de erudição prodigiosissima—porque, para ser um grande poeta e um grande philosopho, Leopardi fez-se primeiro que tudo, um sabio: foi um sabio... na idade em que, por via de regra, ainda se não é nada na vida.

Quando ja sabia mais latim que o seu segundo preceptor o padre Sanctini, foi elle enclausurar-se na bibliotheca do pae e ahi completou a sua educação.—«Aprendeu, diz um dos seus biographos francezes M. Marc Monnier, aprendeu sosoinho o grego, o francez, o inglez, o hespanhol, o hebreu... Escreveu, antes da adolescencia, uma historia da astronomia: publicou e commentou grande numero de gregos ineditos ou esquecidos, entre outros, fragmentos de cincoenta e cinco Padres da Egreja. Transcreveu em latim e enriqueceu de notas sabias a vida de Plotino, por Porphyrio... Traduziu em seguida em sextilhas a *Batrochomyomachia* d'Homero, acompanhada d'uma dissertação celebre até em França; depois, muitos cantos da *Odyssêa*, da *Eneida*, a *Titanomachia* d' Hesiodo, mil e um idylios, elegias, etc, d'autores antigos, desconhecidos ou suppostos, sem contar os fragmentos em prosa. Publicou um commentario de Petrarcha e uma Chrestomatia italiana que deu talvez a Vinet a ideia ou pelo menos o titulo do seu bello trabalho...»

\*

\* \*

Justifica-se a transcripção:—para bem se avaliar a obra do sr. F. Italo Giuffré, de grande vantagem, senão de absoluta necessidade, é saber-se em que foram consumidos os pou-

cos annos de vida do glorioso poeta a cuja memoria e triumpho é consagrada.

E' assim que o excelso cantor de Leopardi, depois de nos fallar de Silvia e de Nerina — os dois amores d'esse desolado poeta morto virgem, que

*al par d'Eraclito*  
*Soffri la malattia de l'Infinito,*

para logo, tirando partido das leituras e trabalhos litterarios do insigne humanista que foi G. Leopardi, ergue o seu bello hymno á Italia (son. 8.<sup>o</sup>):

*O' patria mia, la tua regal persona*  
*Qual Niobe giacque, vinta si, non doma*

e faz, seguidamente, desfilar a larga cohorte de seus filhos gloriosos: Dante (son. 9 e 10):

*O creatore del poema sacro*  
*Del gaudio eterno e de l'eterno pianto...*

e Petrarca (son. 12) e Colombo (son. 13 e 14) de quem diz numa concisão que faz lembrar certo versiculo do Genesis:

*Uno era il mondo, due sono, dicesti*  
*E furon due...*

e Ariosto (son. 15):

*Trovatore de l'armi e degli amori...*

E vem depois a Grecia (son. 20):

*...Di vaghi fior' contesta,*  
*Archetipo divin di poesia*  
*E de l'arti delubro e degli amori...*

e de roda d'ella, como uma constellação, Homero (son. 22):

*Ente real oppur mito divino*  
*Tu sei d'Ellenia l'anima immortale*

e Hesiodo (son. 23) e Pindaro (son. 24) e Eschylo (son. 25) e Anachreonte (son. 26) e Theocrito (son. 27) e Bion e Moscho (son. 28): e, em torno d'estes poetas todos, todo o deslumbramento da mythologia hellenica, numa longa e florea chorêa de Graças e Amores, combinando passos e abraços, cantos e beijos, por entre myrtos, sobre a relva e sob as estrellas, ao luar...

E agora, no pomerio de Roma

*...ai rintocchi di l'ora vespertina  
L'exagitato spirito evocava  
L'antica e spenta maestà latina*

E vem aquelle confronto (son. 30 e 31) da Roma d'outrora e da Roma d'hoje; e a apostrophe a Bruto (son. 32) e o appello á Mulher (son. 34):

*Per essere nel gran Risorgimento  
Donne davvero e non femmine vane...*

e o exemplo de Virginia (son. 35) e as Musas de Vergilio e de Horacio... Mas ai! nesse convivio com os grandes poetas mortos e as grandes tradições perdidas, o soffredor Poeta de Recanate enriquece o seu espirito, é certo: mas o que elle não encontra é (son. 37):

*Serenità, vero de l' uom tesoro  
Né di letizia l'icore divino...*

porquanto (son. 39):

*... ne la notte taciturna e bruna  
Gli ricercava dolcemente 'l core  
La gran malinconia de l'Infinito...*

E seguem (son. 41-45), numa radiosa synthese, os themas inspiradores das poesias de Leopardi

*Non ha la vita un frutto; è nome vano  
Virtù, dicea con Bruto moribondo;  
Legge astrusa il dolore universale  
E la natura immensurato arcano ..  
Così gemeva 'l suo canto ingiocondo  
Fra lampi e tuoni e luce funerale...*

E o seu scepticismo explue contra a *schiera de filosofi infinita* (son. 49) nesta objurgatoria:

*... Non son che fole  
I vostri architettati, ardui sistemi,  
Il nodo gordian più forte stringe  
Il fil dei vostri bei filosofemi  
Falliti Edipi de l'eterna S finge.*

E o Poeta converte-se á Dor, ao pessimismo, até que no soneto 62:

*Sul conscio leto procusteo, supino,  
Allor con le fosforiche pupille  
Vedea sfilare di larve una coorte:  
Eran le fantasie del suo destino,  
Che, ridanddogli innanzi a mille a mille,  
La trenodia cantavan de la Morte!*

E veem então os oito pequeninos poemas do *Intermezzo*, abrindo com o *Coro di Morti* e fechando com a *Nenie d'Autunno*, «ambas, disse eu já algures e repito-o agora, repassadas d'uma suprema, d'uma infinita melancholia, que doe, que confrange, que faz mal, á força de bem que nos enebria a alma!»

E após o *Intermezzo*, rugem as imprecações á Natureza, á Mulher, á Patria, ao Amor, á Gloria: e assistimos aos ultimos annos do poeta já votado a uma morte precoce; e vagueamos de terra em terra com o *vagabondo apolida*; e recebemos-lhe o derradeiro alento; e, após sessenta annos d'olvido, vemos alfim transfigurado no Tabor da Gloria o pallido perfil descarnado que suara sangue e se arregoara de lagrimas no Gethsimani da Vida...

*Estinto, Italia poi gli eresse un'ara,  
«Pentita sempre e non cangiata mai!»*

\*

\* \*

E passo a expôr em poucas linhas, porque demasiado me alonguei em transcripções, aliás opportunas, o meu juizo ácerca do *Il trionfo di G. Leopardi*, cujo entrecho os meus leitores agora conhecem.

Saiate-Beuve disse de Leopardi que — era um grego despaisado, dobrado d'um spleenetic da raça dos Biron e dos Musset...

De tanto que o sr. F. Italo Giuffré se identificou com o poeta cujo triumpho celebrou, a mim me parece que, *mutatis mutandis*, o mesmo d'elle se poderá dizer com equal verdade. A sonhada alliança da forma classica com a paixão romantica vejo-a eu realisada, e superbamente realisada, pelo insigne poeta de Reggio nestes seus sonetos que parecem compostos

por Petrarca sob inspirações de Leopardi: a serena magestade d'aquelle e o doido desespero d'este. . .

Connubio hibrido? alliança impossivel?

Leiam primeiro o *Il Triunfo*: e fallem depois.

Quanto a mim, relendo estas paginas, a impressão que me fica é qualquer coisa de semelhante a isto: — a estatua de Galathea convulsionada de desejos, depois que o beijo de Pygmalião a accordou para a Vida; quer dizer: para o Amor e para a Dor — para a Morte afinal. . . *Due belle cose ha il mondo: Amore e Morte*. . .

Porventura, melhor ainda, — o Jupiter olympico a estorcer-se nas draconianas roscas do Laocoonte. . .

Como o conseguiu?

Não sei. Contam de Flaubert que, quando estava escrevendo o suicidio da Bovari, sentia na bocca o gosto a arsenico.

Assim deve ter o sr. F. Italo Giuffré sentido mordel-o na alma o veneno corrosivo do pessimismo leopardiano. . .

E' pessimista? não é pessimista, mas fez-se pessimista?

Não sei: quero crer que para nos cantar a dor de Leopardi, o sr. Giuffré primeiro se fez Leopardi: viveu com elle, estudou com elle, meditou com elle, com elle amou, soffreu e cantou e morreu. Ao cabo, estava feita a identificação: e como Leopardi, o sr. F. Italo Giuffré surge-nos *um grego despaisado, dobrado dum splenetico da raça dos Byron e dos Musset*, como de Leopardi disse Sainte-Beuve.

Não o accusem de falso; não: estes sonetos, assim magistralmente recortados, perfeitos como a impassivel Belleza, sangram de viva dôr e estertorisam num rictus de real angustia.

E' que o verdadeiro poeta é como o Christo: — faz-se tudo por amor de todos. Não é um homem: é o Homem. Não é um mundo: é o Mundo. Não é um microcosmo: é um macrocosmo. A sua alma, a alma do verdadeiro poeta, tem todas as cores do arco-iris; todos os sons do heptacordio; todos os raios do sete-estrello: como aquella fonte da floresta de Amon, de que Quinto Curcio nos conta que nas vinte e quatro horas do dia passava por todas as gradações de tempera-

tura, assim, e em menos tempo ainda, por vezes num rapido momento, pode passar por todas as sensações, viver toda a vida, todas as vidas, toda a intensidade da Vida. E' uma harmonia syntetizando todas as harmonias; um instrumento phonographando todos os instrumentos; idyllico como a frauta; religioso como o orgão; grave como o violoncello; tragico como a harpa; epico como o clarim; orchestral como o piano...

Melhor e mais claro: a alma do Poeta é uma alma substanciando, exageradas, todas as almas. Se ama, ama todos os amores: o amor espiritual de Dante, o amor de coração de Petrarcha, o amor sensual de Boccaccio... Se soffre, soffre todas as dôres: a dôr de Lucifer vencido, a dôr de Prometheu agrilhado, a dôr de Christo abandonado...

E' isto, deve ser isto o verdadeiro poeta.

O sr. F. Italo Giuffré viveu nesta centena de sonetos toda a antiguidade classica e todo o moderno romantismo: d'ahi o reproduzir nelles duma a belleza da forma e do outro a violencia da paixão.

E, pois que assim se evidencia o verdadeiro poeta, verdadeiro poeta se nos evidenciou o sr. F. Italo Giuffré, de quem eu, tendo lido d'elle tanta coisa optima, nada ainda li que tanto me satisfizesse e tão alto á minha admiração m'o levantasse.

\*

\* \*

Para concluir, uma notula ainda, com vista a certo *poeta* de ruim natureza, que, porque lhe não elogiei os versos da sua natureza ruins como ella ou mais, me ameaça com furi-bunda tosa para muito breve:

A exemplo d'outros poetas italianos, compusera o sr. F. Italo Giuffré cinco dos cem sonetos, não rimados mas exdruxulos. Apreciando-lhe a obra na revista *Cavalloti*, o sr. Biagio Chiara apontou-lh'o como um defeito...

Longe de se revoltar—e mais era o sr. F. Italo Giuffré! —no n.º seguinte da sua *Iride Mamertina* o illustre Cantor de G. Leopardi apresentou corrigidos os cinco sonetos criticados, substituidas pelas rimas as palavras exdruxulas...

Não acham os poetas do meu paiz que é este um bello exemplo a seguir?...

\*

\* \*

*O Conego Martins* (Homenagem á memoria do grande orador viziense) —O Conego Almeida Martins foi realmente uma das mais legitimas glorias da nossa Beira pelo esplendor da sua eloquencia na tribuna sagrada. A' sua memoria consagraram A. Campos, um publicista de reconhecido merito, e Almeida e Silva, um pintor de indiscutivel talento, um volume de homenagem, brilhantemente collaborado por trinta dos admiradores do illustre extincto. Por obsequio dos promotores, acaba de nos ser enviado um exemplar, o 10.<sup>o</sup>. Quero pois, aproveitar o pouco espaço de que neste n.<sup>o</sup> disponho para dizer, em poucas palavras, a minha impressão.—Valiosa, valiosissima homenagem, esta. Por aqui que se ficassem (sabemos aliás que mais longe levam o seu nunca demais louvado intento) com justiça podiam os promotores d'ella orgulhar-se do feito. Um primor typographico, sahido dos magnificos prelos da *Revista Catholica* que nesta cidade se publica, o volume,—de cento e tantas paginas, capa vermelho-granada a imitar antigo com uma palma a oiro a dar-lhe um tom heraldico,—bem pode, materialmente considerado, rivalisar com o que de melhor e mais distincto nos dão os prelos da capital: para o que por sem duvida contribuiu não só o bom fornecimento da typographia onde se imprimiu e boa vontade do seu proprietario, mas ainda o bom gosto e cuidado dos dois promotores que se não pouparam canceiras, felizmente coroadas do melhor exito.

Da collaboração, toda ella, em prosa e verso, excellente, signalamos principalmente o primoroso estudo critico do orador por A. Campos e a suberba reconstituição phisico-intellectual do homem por José d'Almeida e Silva: as bellas paginas do prestigioso Lente de Direito Dr. A. Henriques da Silva e do illustre escriptor Conselheiro Thomaz Ribeiro: e, alem de tudo o mais, pela auctoridade de que estão investidos os seus signatarios, as paginas em que rendem preito aos me-

ritos do insigne orador os dois venerandos Prelados que mais de perto o conheceram e melhor o poderem apreciar, os srs. D. José Dias Corrêa de Carvalho, Bispo de Vizeu, e D. Gaudencio José Pereira, Arcebispo-bispo de Portalegre.

O volume é ainda enriquecido com duas excellentes photographuras, representando uma o Conego Martins vivo e outra o mesmo no leito mortuario, gravadas nos *ateliers* Pires Marinho e impressas na Companhia Nacional Editora de Lisboa, em face de magnificos clichés obtidos pelos distinctos photographos vizienses srs. Perez & Filho das telas expressamente executadas para este fim pelo pintor Almeida e Silva e que, com o retrato que do Conego Martins veio publicado no *Album Viziense*, tambem do mesmo artista, são tirados do natural e os unicos que d'elle existem.

E, como se tudo isto não bastasse, a ultima parte do volume — *O seu Verbo* — traz trechos selectos de sermões do Conego Martins, pelos quaes os que o não ouviram poderão avaliar-o — se tomarem em consideração o dicto de Eschines proposito de Demosthenes: *Que faria, se vós ouvisseis o monstro!* dicto applicavel a todos os bons oradores, mas ao Conego Martins sobretudo, que, pela vibração da voz, pelo fulgor do olhar, pela magestade do gesto e pelo aprumo e insinuancia da figura, vitalisava, espiritalisava, sobrenaturalisava quasi os primores da sua linguagem.

Resta acrescentar que a edição foi apenas de 300 exemplares, dos quaes 260 para venda: e que o seu preço é de 400 reis.

C. DE L.



## CARTEIRA DA AVE-AZUL

*Salla de visitas.*—A parte da novella *A Torre* que neste n.º damos não é *conclusão*, mas *continuação*: a *conclusão* dal-a-emos no proximo n.º. Tendo sido impressa antes de chegadas as provas revistas pelo auctor, sahiu crivada d'erros, como era natural pela nossa absoluta ignorancia na arte e sciencia de Champollion... O auctor que é, sobre prosador distinctissimo, um magistrado integerrimo, dada a ausencia de voluntariedade (n.º 7 do art.º 44 do C. Pen.) certo nos absolve. Entretanto, apressamo-nos a remediar quanto possivel o mal, fazendo as rectificações mais importantes.

1. <sup>a</sup> pag. da novella,	10 linha:	<i>accidamento</i>	leia-se	<i>avidamente</i>
2. <sup>a</sup> » » » »	13 »	<i>sedento</i>	»	<i>rodeado</i>
3. <sup>a</sup> » » » »	8 »	<i>abstractamente</i>	»	<i>na forma</i>
» » » »	29 »	<i>um ouvido</i>	»	<i>nas orelhas</i>
4. <sup>a</sup> » » » »	7 »	<i>formando</i>	»	<i>fazendo</i>
» » » »	18 »	<i>das boccas</i>	»	<i>das phantasticas boccas</i>

As oito linhas seguintes terminam em *recticencia*: e a phrase final do cap. III deve reconstruir-se assim:—parecia que as mãos puxavam pelas orelhas e *faziam* em invisiveis *nari-zes*, deixando *cair* as folhas, etc...

6. <sup>a</sup> pag. da novella,	16 linha:	<i>carbonisando</i>	leia-se	<i>descia carbonisando</i>
» » » »	17 »	<i>enravam</i>	»	<i>miravam</i>
» » » »	18 »	<i>lameira</i>	»	<i>lamina</i>

A linha 21 é:—Um jacto d'agua cantava proximo.

7. <sup>a</sup> » pag. da novella,	2 linha	<i>gaitas</i>	leia-se	<i>gritos</i>
» » » »	13 »	<i>viva</i>	»	<i>meia</i>
» » » »	27 »	<i>precisasse</i>	»	<i>ficasse</i>
8. <sup>a</sup> » » » »	21 »	<i>placido</i>	»	<i>placado</i>
9. <sup>a</sup> » » » »	4 »	<i>não uma</i>	»	<i>não numa</i>
» » » »	11 »	<i>aquelles montes</i>	»	<i>aquellas moitas</i>

Valha-nos, em face d'este estendal, a indulgencia do auctor e dos leitores!

\* \* \*  
*Arte viziense*:—Tem estado em exposição numa das salas dos Paços do Concelho, para tal fim obsequiosamente cedida pelo dignissimo Presidente da Camara sr. dr. Luiz Ferreira, os retratos de Suas Magestades que, com destino ao Governo Civil de Faro, o sr. Conselheiro José Vaz encomendara ao illustre pintor viziense sr. Almeida e Silva. Duas soberbas tellas que, porque nos consta que serão expostas em Lisboa, lá, como aqui, hão-de conquistar para o seu auctor farta colheita de applausos: e justissimos, porquanto, sem mo-

delo, em face de simples photographias, o talento e *savoir-faire* de Almeida e Silva excedeu-se a si proprio: fez o mais que fazer poderia o melhor artista:—uma obra d'arte: quer dizer: um milagre.

Por isso a *Ave Azul* muito cordealmente o felicita assim como ao sr. B. Couto que nas molduras, de muito bom gosto e muito bem acabadas, mais uma vez mostrou a sua competencia em outros trabalhos de maior vulto já largamente evidenciada. E para em tudo aquelles retratos serem documento, e honrosissimo documento, da *Arte Viçense*, as molduras foram doiradas pelo sr. C. Loureiro, outro artista da nossa terra a que já a *Ave Azul* no seu 1.º n.º se referiu elogiosamente.

\* \* \*

*Sarrand-d' Allard*:—Tem estado doente, o que muito sentimento, este nosso amigo e illustre escriptor, que por tal motivo não deu ainda a publico a sua conferencia sobre Garrett, de quem andava tambem traduzindo uma comedia. Desejando-lhe prompto restabelecimento, ao mesmo tempo enviamos-lhe os nossos parabens por ter sido nomeado socio do *Instituto* de Coimbra, ao que de ha muito tinha todo o jus quem pelas nossas lettras tanto se tem interessado e para honra d'ellas tem trabalhado.

\* \* \*

*Garrett no Pantheon*:—Já foram enviadas ao Parlamento a representação do Porto, redigida pelo brilhante critico das *Farpas*, sr. Ramalho Ortigão; a do *Instituto* de Coimbra, pelo notavel poeta sr. Manoel da Silva Gayo; e a de Setubal, pelo illustre poeta sr. Paulino d'Oliveira, que a promoveu juntamente com sua ex.<sup>ma</sup> Esposa, a distincta escriptora sr.<sup>a</sup> D. Anna de Castro Osorio. Superfluo acrescentar que todas ellas estão, sobre flagrantes de justiça, primorosas de redacção.

\* \* \*

*Antonio Padula*: Ainda não cumprido o dever de apreciarmos o opusculo com que este eximio escriptor napolitano commemorou o centenario de Castilho, aqui temos nós mais dois valiosissimos trabalhos d'este infatigavel Lusophilo: são elles a versão do poema *A Ondina do Lago* do insigne escriptor sr. dr. Theophilo Braga e a do poema *O Rei Galaor* do magistral poeta sr. Eugenio de Castro.

Com escriptores assim está-se sempre em divida: portanto, na impossibilidade de mais larga noticia por agora, os nossos agradecimentos pela offerta: e para breve apreciação larga dos tres preciosos opusculos.

G. de L.